

FLORA CAMARGO GURFINKEL

**(DES)APRENDENDO COM O
FRACASSO:**

**estratégias para queerizar a educação musical em
sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo

2021

FLORA CAMARGO GURFINKEL

**(DES)APRENDENDO COM O
FRACASSO:**

**estratégias para queerizar a educação musical em
sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música da Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Licenciatura em Música

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz Moraes Costa

São Paulo

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Gurfinkel, Flora Camargo

(DES)APRENDENDO COM O FRACASSO: estratégias para queerizar a educação musical em sala de aula / Flora Camargo Gurfinkel; orientador, Rogério Luiz Moraes Costa. - São Paulo, 2021.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Música / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. educação musical. 2. queer. 3. teoria do fracasso. 4. diversidade. 5. glitch. I. Moraes Costa, Rogério Luiz . II. Título.

CDD 21.ed. - 780

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Em memória de bell hooks,

“Para desenvolver a paixão à sala de aula ou introduzi-la nas salas que ela nunca esteve, os professores universitários têm que encontrar de novo o lugar do Eros dentro de nós e, juntos, permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo.” (hooks, 2018, p. 264)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha mãe Aline Eugênia Camargo e ao meu pai Decio Gurfinkel por me apoiarem e seguir na área de Música e Educação.

Assim como a todes es membres da Rede Sonora: músicas e feminismos, cujo aprendizado e companheirismo foram fundamentais durante minha graduação. Da mesma forma, destaco as experiências amadurecidas na construção do Coletivo Feminista da ECA-USP durante todos esses anos.

Não poderia faltar o agradecimento aos inúmeros aprendizados durante os estágios universitários, compartilhados com a minha dupla de trabalho e amiga, Veridiana Dias. Da mesma forma agradeço a apresentação a bell hooks – e a tantas outras referências presentes nesse trabalho – feita por Nayla Guerra, que através de trocas e parcerias me abriu portas para novas formas de entender o mundo.

Assinalo a grande importância de Camilla Liberali, que, além de dedicar-se com imensa paciência à revisão deste trabalho, me conforta nas incertezas e nas loucuras da vida.

Destaco a parceria de sonhos e realizações com Carolina Andrade Oliveira, que continua me acompanhando nas errâncias neste imenso mar aberto.

Agradeço a todes es professories que tive até agora e que me inspiraram no caminho que sigo hoje como educadora musical, em especial ao orientador Prof. Dr. Rogério Costa por segurar meus pés no chão durante essa longa trajetória de escrita. E a Teca Alencar de Brito por ser sempre professora de música, da infância à universidade.

Peço licença a todas as mulheres (e pessoas não binárias) que lutaram e construíram outras possibilidades de mundo para que fosse possível estar aqui, resistindo e escrevendo sobre nós, tais como: Adriana Calcanhotto, Alice Walker, Amanda Jacometi, Ana Carolina, Ana Sampaio, Anastácia, Angela Davis, Astrida Neimanis, Audre Lorde, Babi de Oliveira, bell hooks, Bessie Smith, Billie Holiday, Carolina Andrade Oliveira, Carolina Maria de Jesus,

Carô Murgel, Cássia Eller, Chimamanda Adichie, Chiquinha Gonzaga, Clarice Lispector, Clementina de Jesus, Conceição Evaristo, Dani Sou, Dee Rees, Denise Garcia, Dona Haraway, Dona Ivone Lara, Doroty Marques, Elis Regina, Eliana Monteiro da Silva, Ella Fitzgerald, Gal Costa, Grada Kilomba, Gloria Anzaldúa, Guacira Lopes Louro, Chico (Jalala), Joan Jett, Jo Freeman, Joyce Moreno, Judith Butler, Lélia Gonzalez, Lia de Itamaracá, Lílian Campesato, Lis de Carvalho, Lucia Esteves, Lygia Fagundes Telles, Magda Pucci, Manon Ribat, Ma Rainey, Maria Bethânia, Mariana Carvalho, Marina Mapurunga, Marisa Fonterrada, Marlui Miranda, Maya Angelou, Maryse Condé, Mercedes Sosa, Monique Wittig, Natalia Polesso, Nayla Guerra, Nina Simone, Paola Picherzky, Patricia Hill Collins, Rafa Martinelli, Renata Mattar, Renata Montanari, Rita Lee, Rupi Kaur, Silvia Federici, Simone de Beauvoir, Taju Caseu, Teca Alencar de Brito, Teresa de Lauretis, Tia Ciata, Tide Borges, Valéria Bonafé, Violeta Parra, Virginia Woolf, irmãs Wachowski, Zélia Duncan.

RESUMO

GURFINKEL, Flora Camargo. *(Des)aprendendo com o fracasso: estratégias para queerizar a educação musical em sala de aula*. 2021. 60p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Resumo: O trabalho apresenta a urgência da construção de novos caminhos plurais para a educação musical, a partir das perspectivas queers de fracasso de Jack Halberstam. A reflexão sobre os potenciais de uma educação inclusiva, mediada pelos saberes de bell hooks e Paulo Freire, convida a um olhar engajado para as áreas de educação, política e diversidade, propondo, através de relatos de experiências, a invenção de frestas nas lacunas do sistema de ensino tradicional, nomeadas de *glitch*, fundamentais para a construção de uma prática musical democrática.

Palavras-chave: Educação musical. Pedagogias Queer. Teorias do fracasso. Glitch.

ABSTRACT

Abstract: The work presents the urgency of the construction of new plural paths for music education, based on Jack Halberstam's queer perspectives of failure. The reflection on the potentials of an inclusive education, mediated by the knowledge of bell hooks and Paulo Freire, invites an engaged perspective of education, politics and diversity, proposing, through experience reports, the invention of gaps in the traditional education system, named glitch, fundamental for the construction of a democratic musical practice.

Keywords: Music Education. Queer Pedagogies. Failure theories. Glitch.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1:	17
APRENDENDO COM O FRACASSO	17
1.1 Introdução ao fracasso: Ain't got no home. I've got life. I've got my freedom!	17
1.2 Teoria sobre o fracasso: tem que morrer pra germinar	18
1.3 Eu sou poeta e não aprendi a amar: as instituições escolares como dispositivo para produção de corpos normativos	20
1.4 Navegar é preciso; viver não é preciso: da pedagogia da autonomia à educação engajada	21
1.5 A anti-teoria queer: So hush, little baby. Baby, don't you cry!	22
1.6 Inventando o Cais	24
1.7 Improvisando a partir do brincar: que vivan los estudiantes. Pajarillos libertarios	25
1.8 Plunct plact zum! Não vai a lugar nenhum: quando minhe filhe crescer vai ser de Urano?	26
1.9 Caminhos alternativos: solto a voz nas estradas, já não quero parar!	27
CAPÍTULO 2:	29
ENTRE A LINHA E O ESPAÇO: O GLITCH	29
2.1 Três aspectos do Glitch	29
2.1.1 O Glitch: pílula vermelha ou azul?	29
2.1.2 O Glitch na sala de aula: We don't need no thought control	30
2.1.3 A repressão do Glitch: colocando a prática musical nos trilhos	32
2.2 Vai ser Queer na vida!	33
2.3 O Glitch no ponto da invenção da binaridade	34
2.4 “Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua!”	35
2.5 Epistemologías alternativas: Es mi destino, Piedra y camino. De un sueño lejano y bello, viday. Soy peregrino!	36
2.6 Amor ao abismo: habitando o fracasso	37
CAPÍTULO 3:	40
IMPROVISANDO NOVOS MUNDO	40
3.1 Entrando na roda	40
3.1.1 O potencial das Redes: onde as ovelhas negras se encontram	41
3.1.2 “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”	43
3.2 Propostas para transgredir o currículo de educação musical: Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer	43

3.2.1 Strange Fruit	43
3.2.2 Sound of silence: escutando o silêncio	45
3.3 Let it Go: contribuições dos Projetos de Extensão Universitária	46
3.3.1 Narrativas sonoras de vida: How many roads must a man walk down	47
3.3.2 Dançando com os sons	48
3.4 Espaços informais de aprendizado: Antonce se a gente já veve lutando. Antonce eu peço pra gente se arreuni	49
3.5 A educação musical como uma prática fracassada	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
O QUE IMPORTA É A JORNADA E NÃO O DESTINO FINAL	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM Associação Brasileira de Educação Musical

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CD *compact disc*

ECA Escola de Comunicação e Artes

EMEF Escola Municipal de Educação Fundamental

EMEI Escola Municipal de Educação Infantil

FLADEM Fórum Latinoamericano de Educação Musical

PUB Programa Unificado de Bolsas

LAMI Laboratório de Acústica Musical e informática

LGBTQIAP+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais identidades.

USP Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

“[...] a gestão política da epidemia que, em meio ao pânico e à desinformação, se tornam tão úteis quanto uma boa máscara cognitiva.” (PRECIADO, 2020, p. 01).

A reprodução de estruturas conservadoras de educação musical replica saberes e modos de escutas limitados, invisibilizando outras formas de ser e pensar. Assim, o presente trabalho de conclusão de curso elabora reflexões sobre os dispositivos de normalização dos corpos para padrões normativos, dentro das instituições escolares.

A partir de relatos de experiências como educadora e educanda, o trabalho provoca um debate acerca da invenção de um ensino engajado, que considera a realidade, como proposto por bell hooks¹. Para a escritora, a libertação e a inclusão refutam a ideia de um único caminho para o aprendizado, permitindo dissidências que resistem à exclusão escolar.

O projeto apoia-se em perspectivas queer que buscam distorcer as formas tradicionais de ensino, inspiradas também nas contribuições dos movimentos feministas e LGBTQIAP+ para o campo da educação. O filósofo queer Paul Preciado², em seu ensaio *Aprendendo do vírus*, discorre sobre a instrumentalização de corpos considerados descartáveis para o controle biopolítico³ da população, repetido por pandemias, vírus e pestes que marcaram a história do mundo.

Em outras palavras, o filósofo revela um sistema capitalista apoiado em estruturas alimentadas por vulnerabilidade e pobreza, que geram processos de higienização social seletivos. Dadas as circunstâncias irreparáveis da pandemia do coronavírus, em meio ao fomento à prática das *fake news*⁴ e à desinformação, a necessidade de um ensino engajado é

¹ bell hooks é uma educadora, escritora, professora, artista e militante antirracista. Foi professora na Universidade do Sul da Califórnia, Universidade Yale, Estadual de São Francisco entre muitas outras. Escreve sobre interseccionalidade, capitalismo, educação e gênero.

² Paul Preciado é um filósofo, escritor e performer queer espanhol. Escreve sobre biopolítica, sexualidade, gênero, queer e pós-porno.

³ A Biopolítica é uma política voltada ao controle dos corpos, na qual os mecanismos biológicos são ferramentas principais.

⁴ *Fake news* é um termo em inglês para se referir a notícias falsas disseminadas sem fontes legítimas, incentivando uma prática de compartilhamento de desinformação, disparada inicialmente durante a campanha eleitoral para presidente em 2018 no Brasil.

gritante, pois não há como mapear a educação no Brasil sem dialogar com política e diversidade.

Além disso, a reprodução de estruturas de privilégios dentro do espaço escolar estimula oportunidades de estudo e trabalho diferentes para cada estudante. Como descreve Virginia Woolf⁵ em seu livro *Um teto todo seu* (1929), a necessidade de um *status* econômico confortável e um espaço privado para produção são fundamentais para a escrita.

Nas escolas em que estagiei, a maioria dos estudantes não possuíam um quarto adequado para o estudo, e também passavam por uma série de dificuldades por insegurança alimentar e problemas de saúde acentuados pela pandemia. Além disso, as demandas familiares de cuidado e tarefas domésticas recaíam, de maneira sexista, sobre as mulheres e meninas – mais uma barreira ao aprendizado.

Para escrever esse trabalho, saliento o imenso privilégio que tive como pessoa cis branca de classe média alta, para debater esse tema em um momento de tanta instabilidade social, política e econômica. Entretanto, o momento histórico precisa ser trazido para dentro da academia, pois a alienação intencional dentro dos espaços canônicos pode ser um argumento para o Estado se eximir da responsabilidade, repercutindo, no caso de uma das escolas visitadas, em crianças do ensino particular desinformadas da existência de uma pandemia, que, como o próprio nome diz, é um acontecimento de caráter global.

Ainda assim, há uma contradição em relatar uma prática escolar por meio de um ponto de vista único e privilegiado, pois educar é verbo e por si só possui significado, impossível de ser retratado através de um discurso teórico engessado.

O autor queer Jack Halberstam⁶, um sul⁷ para esse trabalho, elabora uma teoria sobre o fracasso em relação ao campo da educação, sugerindo a urgência da construção de caminhos alternativos para driblar essas amarras capitalistas. Mediante o reconhecimento do

⁵ Virginia Woolf foi uma escritora inglesa do século XX que revolucionou a escrita a partir de romances com temáticas polêmicas que debatem a situação das mulheres na época, assim como aspectos de gênero e sexualidade.

⁶ Jack Halberstam é um filósofo, professor e escritor americano. Atualmente é professor titular do Departamento de Inglês e Literatura Comparada e do Instituto de Pesquisa sobre Mulheres, Gênero e Sexualidade na Universidade de Columbia. Escreve sobre gênero, questões queers e masculinidades.

⁷ O termo sul contrapõe o uso da expressão “norte do trabalho”, que reproduz um dispositivo colonialista assimilado pela linguagem, canonizando os saberes produzidos no norte global.

próprio fracasso, o autor sugere uma desconstrução e libertação de trajetórias predeterminadas normativas.

O escritor estimula a imaginação e a invenção de novas perspectivas de aprendizado a partir das errâncias e dos desejos, afastando-se de concepções estabelecidas pelo sistema. Como o filósofo Ailton Krenak⁸, descreve a importância de aceitar o fracasso humano, inerente a sua natureza e imperfeição.

Conforme o título do trabalho sugere, o dispositivo de queerização⁹ procura distorcer concepções heteronormativas¹⁰, permitindo uma realidade formada por diversas cosmovisões e vivências comprometidas com uma prática transformadora. Portanto o uso de uma linguagem neutra foi essencial para a escrita, pois um sistema padrão que resume a universalidade ao masculino não abarca a todes e fomenta hierarquias político-sociais.

O guia de linguagem neutra do sistema “*elu mesmo*”¹¹ foi utilizado como base para elaboração de uma linguagem democrática e inclusiva. A proposta procura trazer acessibilidade a partir de escolhas como o uso de “*e/es*” – entre outras variações, como “*ie/ies*” – no lugar de “*a/as/o/os*”, para substituir a generificação¹² das palavras. Essas mudanças ocorrem em pronomes, artigos, substantivos e adjetivos.

O manual de referência estimula uma breve discussão sobre o panorama da linguagem neutra, explicando sua aplicação em variedades linguísticas, de maneira bastante didática. Espero que esse trabalho provoque deslocamentos e reflexões sobre as práticas educativas, ainda que, em alguns casos, necessariamente fracasse.

⁸ Ailton Krenak é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro e também professor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

⁹ O termo queerizar foi retirado do texto *Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana* da autora chicana decolonial Gloria Anzaldúa. Referindo-se ao ato de “tornar-se queer”.

¹⁰ O termo heteronormativo se dirige a um conjunto de ações sexistas que compõem um comportamento social esperado para uma mulher e um homem, regido por uma ótica binária e heterossexual.

¹¹ *Guia para linguagem neutra (pt-br) “Elu”*: porque elus existem e você precisa saber! por Ophelia Cassiano está. Disponível em:

<<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b#:~:text=>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

¹² Esta palavra não está, ainda, dicionarizada, mas já é de uso frequente em trabalhos de algumas áreas, como os estudos de gênero, e significa “atribuição de gênero”.

CAPÍTULO 1:

APRENDENDO COM O FRACASSO¹³

“Os estudos queer nos oferecem um método para imaginar, não algum tipo de fantasia de um outro lugar, mas alternativas existentes para sistemas hegemônicos.” (HALBERSTAM, 2020, p. 95).

1.1 Introdução ao fracasso: *Ain't got no home. I've got life. I've got my freedom!*

14

Esse trabalho de conclusão de curso navega através de minhas experiências nos estágios das disciplinas curriculares da graduação em Licenciatura em Música, na Universidade de São Paulo, e também através de vivências como professora em instituições educativas, formais e não formais. As reflexões partem de importantes educadoras progressistas, engajadas nas relações entre educação, política e diversidade – a maioria mulheres, latines, pessoas trans e/ou pessoas não brancas – que traçam encontros de cosmovisões localizadas fora da bolha hegemônica intelectual. Essas perspectivas foram essenciais para o reconhecimento de diversos nós colonialistas presentes pelo caminho.

A educadora decolonial Teresa de Lauretis¹⁵ esboça o termo queer não apenas como um “desvio sexual”, sob a perspectiva da heteronormatividade compulsória¹⁶, mas como um olhar pedagógico “[...] gênero-inclusivo, democrático, multicultural e multiespécie [...]” (LAURETIS, 2015, p. 04), que constrói uma concepção inclusiva.

Assim, as teorias queers somam-se costurando um fio condutor para os debates que buscam “entender as possibilidades que existem” (LAURETIS, 2015, p. 05) dentro da sala de aula, através da crítica a ferramentas predefinidas do ensino. O filósofo queer americano Jack

¹³ O título do capítulo foi inspirado no livro *A Arte Queer do fracasso* de Jack Halberstam lançado em 2020.

¹⁴ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Ain't got no. I got life* de Malt MacDermot, Jerome Ragni, James Rado e interpretada pela compositora, pianista e cantora Nina Simone. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L5jI9I03q8E>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

¹⁵ Teresa de Lauretis é uma teórica italiana, escritora e professora na Universidade Luigi Bocconi. Dedicou-se à psicanálise, estudos feministas, queers e literatura.

¹⁶ O conceito de heteronormatividade compulsória se dirige a uma perspectiva social e política que considera naturais e obrigatórias práticas matrimoniais, afetivas e sexuais entre pessoas do sexo oposto.

Halberstam completa esse pensamento tecendo uma relação entre aspectos do sujeito desviante e concepções de fracasso e sucesso escolar. Sua teoria sobre o fracasso inspira o primeiro capítulo deste trabalho, a partir do convite a “[...] perder-se e, na verdade, preparar-se para perder mais do que a direção.” (HALBERSTAM, 2020, p. 11), no caminho da invenção de novos mundos.

Dessa forma, o projeto de aceitação do fracasso aparece como um dispositivo contra-hegemônico aos recursos canônicos de aprendizado, pois se desvia das estruturas capitalistas e neoliberais engendradas nas instituições escolares, debatendo processos anárquicos de desaprendizado e desconstrução.

1.2 Teoria sobre o fracasso: tem que morrer pra germinar¹⁷

A teoria de Jack Halberstam baseia-se na aceitação do próprio fracasso como uma ferramenta de crítica às limitações dos sistemas capitalistas. Essa postura procura contestar o dispositivo dualista de sucesso ou fracasso, no qual ambos os caminhos não passam de utopias generalizadas da realidade. Esse recurso, que separa “vencedores e perdedores”, costuma pautar o discurso de ingresso no mercado de trabalho, assim como o de tomada de decisões sobre a vida privada e reprodutiva. Entretanto, ambas as projeções sinalizam família e segurança financeira como sinônimo absoluto de felicidade, cercando demais possibilidades.

De maneira semelhante, as instituições escolares utilizam esse mesmo recurso para guiar educandos ao sucesso profissional, baseando-se no método binário, no qual há apenas uma resposta que garantirá o sucesso. Assim, a orientação de professores leva à exclusão de corpos e sujeitos que não se adaptam ao seu caminho, produzindo uma sociedade dividida em parcelas desiguais, em que a conta da felicidade não fecha e as falhas do sistema capitalista emergem.

Halberstam propõe a construção de um caminho de vida através da “ignorância” e do desaprendizado em relação aos saberes impostos como verdade. Em busca da jornada de “fracassar melhor a cada dia” (HALBERSTAM, 2020, p. 05), o autor provoca “[...] modos de

¹⁷ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Drão* do compositor, arranjador e intérprete Gilberto Gil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LAsAYoZ0aKs>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ser e agir posicionados fora das compreensões convencionais do que é ‘sucesso’.” (HALBERSTAM, 2020, p. 07).

O tema do fracasso foi sintetizado pelo filósofo e teórico social Michel Foucault¹⁸ como “um modo de vida” (FOUCAULT apud HALBERSTAM, 2020, p. 07), uma concepção que só é alcançada a partir da aceitação de si, assim como do afastamento das perspectivas normativas e heterossexistas¹⁹ impostas pelo sistema. Entretanto, as instituições escolares reforçam modelos físico e neuro normativos de sucesso e beleza, rotulando desviantes como perdedores.

As escolas colaboram para a manutenção da alienação das múltiplas potencialidades e identidades de estudante, com o intuito de produzir cidadãos binários, heterossexuais, normativos, magros, intelectualizados, “embranquecidos”²⁰, prontos para se inserirem no modelo de sociedade, vulneráveis ao controle.

A concepção enraizada de universalidade descreve uma “história única”²¹ escrita por “vencedores”, que ditam as referências bibliográficas dos currículos escolares. A ausência de narrativas não canônicas no ensino contribui para o fortalecimento de verdades absolutas, como, por exemplo, o mito do “descobrimento do Brasil”, ensinado nas escolas, através de um dispositivo de controle colonial existente no campo da memória coletiva brasileira.

O filósofo Foucault assinala que “[...] a memória é, em si, um mecanismo disciplinar [...] ‘um ritual de poder’.” (FOUCAULT apud HALBERSTAM, 2020, p. 20), sinalizando que o não-pertencimento de determinados corpos às narrativas canônicas gera um deslocamento de suas histórias, levando-as às margens²² da sociedade. A potência dos desviantes em relação àqueles que estão no poder engenha um dispositivo de auto-fiscalização civil do “diferente”,

¹⁸ Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social e crítico literário. Professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no Collège de France, o autor escreve sobre as relações entre poder, controle social, conhecimento e sexualidade.

¹⁹ O termo heterossexista se refere ao encontro das perspectivas patriarcais da heterossexualidade compulsória com as sexistas, estabelecendo um conceito sintetiza ambas as opressões.

²⁰ O termo “embranquecidos” refere-se ao processo de embranquecimento da cultura e da história brasileira a partir de uma perspectiva europeia e colonizadora de ensino, formando brasileiros alienados de suas origens.

²¹ O termo “história única” foi inspirado no Ted Talk de nigeriana Chimamanda Adichie *O perigo de uma história única*. Disponível em:

<https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 24 nov. 2021.

²² A expressão “levando às margens” dialoga com o conceito sociológico de marginalização retirado do artigo *Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro* de Patricia Hill Collins.

através do incentivo de práticas coletivas e generalizadas de violência para “correção” e normalização dos corpos transgressores.

1.3 Eu sou poeta e não aprendi a amar²³: as instituições escolares como dispositivo para produção de corpos normativos

Nas estruturas das escolas estão engendrados dispositivos de controle semelhantes, como a modelagem dos estudantes ao mercado de trabalho desde o ensino infantil, por meio de brincadeiras que simulam a vida adulta, inserindo as crianças em papéis sexistas de trabalho. Atividades como: lavar a louça, cuidar de bonecas, brincar de carrinho e de super-herói, apresentam uma clara divisão entre gênero e interesse incentivada pelas educadoras que compartilham concepções de família e felicidade tradicionais.

Durante um estágio da disciplina de graduação *Psicologia Histórico-Social e Educação*, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em observação de um projeto social de ensino coletivo de violão, questões sociais destacaram-se, por exemplo, quando uma estudante de sete anos me perguntou por que eu não era mãe ainda, já que tinha mais de dezesseis anos.

Essas expectativas sexistas ecoavam também na sala de aula, quando fui questionada se era namorada do professor, já que observava suas classes. A percepção de um mundo binário, dividido em dois gêneros e portanto duas formas de se comportar, impacta também na precoce inibição de algumas meninas pré-adolescentes, que têm dificuldade de se colocar socialmente. Em relação com a Música, às vezes isso as impede, por exemplo, de tocar instrumentos percussivos de grande porte, que pelo seu tamanho são associados a papéis de gênero sexistas e masculinistas.

A naturalização de uma fragilidade das mulheres inventada pelo capitalismo gera um fascínio das professoras “[...] pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho – a sala de aula.” (hooks, 2018, p. 30). A educadora americana bell hooks apresenta testemunhos de situações de poder desse tipo durante suas aulas na universidade, propondo,

²³ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Malandragem* de Agenor De Miranda Araujo Neto (Cazuza) e Roberto Frejat, interpretada pela compositora, cantora e intérprete Cássia Eller. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bFRBQjBuQmo>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

em contrapartida, que “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender.” (hooks, 2018, p. 25).

hooks traça um caminho inclusivo e progressista que se afasta das práticas tirânicas de poder de professor, levando em consideração o sujeito integral de estudante. O fracasso escolar aparece, assim, não como um estigma, mas como uma ferramenta em relação ao potencial de aprendizado. A autora chama atenção, também, para como a “[...] objetificação do professor dentro das estruturas educacionais burguesas parecia depreciar a noção de integridade e sustentar a ideia de uma cisão entre mente e corpo [...]” (hooks, 2018, p. 29), promovendo uma reflexão sobre o cenário político de violências institucionalizadas.

Pode-se mobilizar o pensamento do filósofo e educador Paulo Freire²⁴ para complementar a análise de bell hooks: “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” (FREIRE, 2002, p. 40). Isso revela o impacto das instituições políticas brasileiras na educação, que retomam a manutenção da ordem e dos valores tradicionais para manter o funcionamento da roda capitalista.

1.4 Navegar é preciso; viver não é preciso²⁵: da pedagogia da autonomia à educação engajada

No livro “Pedagogia da Autonomia”, Freire destaca a necessidade das professorias “assumirem-se” responsáveis por seus desejos em sala de aula. O termo assumir-se, curiosamente escolhido pelo autor, estabelece um paralelo com uma espécie de “saída do armário” na tomada de consciência sobre as relações hierárquicas escolares: a colocação convida os docentes a uma autocrítica sobre a influência de seus interesses ao educar.

²⁴ Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro. Professor na Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Genebra entre outras. Foi Secretário da Educação na gestão de Luiza Erundina e escreveu sobre educação, política e ciências sociais, articulando a pedagogia da autonomia e a pedagogia do oprimido.

²⁵ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Argonautas* de Caetano Veloso, estabelecendo uma referência à imprecisão da vida assim como da educação. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CwppKJjYReA>>. Acesso em: 23 nov. 2021. Mais tarde, tomei conhecimento de que a frase é atribuída ao general latino Pompeu, e ficou famosa por um poema do português Fernando Pessoa, disponível em <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso05.html>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

Entretanto, a invenção da cis-heterossexualidade neutra, que dermarca o lugar de pesquisadore, é fictícia, partindo da premissa que o corpo fala por si mesmo, e portanto replica valores e opiniões dominantes desenhadas como universais. Os métodos avaliativos permeiam uma lógica *bancária*²⁶, esboçada por Paulo Freire, como uma estrutura unilateral de aprendizado, na qual o estudante assimila apenas o conhecimento “doador” pelo professor. Porém, o educador provoca reflexões para uma prática dialógica e crítica de ensino, em prol da autonomia, em que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção.” (FREIRE, 2002, p 52).

Partindo de uma ótica freiriana, a educadora bell hooks apresenta como alternativa uma *educação engajada*, que destaca não só aspectos da autonomia do estudante, mas um olhar interseccional²⁷ e plural, que é democrático e antirracista. A autora destaca as diversidades presentes em sala de aula, demarcadas por dispositivos de violência institucionalizados, portanto assinala a emergência de uma ótica pedagógica comprometida com a realidade e em aliança com as diferenças.

Ambos os projetos educativos, tanto de Freire como de hooks, foram elaborados a partir das limitações do sistema tradicional, entre as lacunas de fracasso e sucesso escolar, onde emergem novas possibilidades, em que todas as “multidões de fracassados” encontram seu lugar. O filósofo queer Paul Preciado, autor da analogia “multidões queer”, utiliza o termo para referir-se a uma coletividade de corpos dissidentes e desviantes excluídos da sociedade capitalista.

1.5 A anti-teoria queer: So hush, little baby. Baby, don't you cry!²⁸

Os movimentos queer buscam concepções alternativas de vida a partir de projetos diferenciados que produzem realidades não canônicas. O encontro entre eles constrói-se através das diferenças, em que infinitas pautas identitárias contestam a normatividade às suas maneiras. Apesar de não possuírem necessariamente as mesmas pautas, procuram a

²⁶ O termo “educação bancária” articulado por Paulo Freire se refere a um processo consumista de aprendizado em que o educando assimila apenas os saberes ensinados pelo educador de forma unilateral.

²⁷ O termo interseccionalidade foi sistematizado por Kimberlé Crenshaw e utilizado pelo feminismo para potencializar e unir as diferenças de gênero, raça, classe, propondo alianças para uma luta coletiva.

²⁸ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Summertime* de George Gershwin. Interpretado por Ella Fitzgerald & Louis Armstrong. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnXLVTi_m_M>. Acesso em: 23 nov. 2021.

“‘desterritorialização’ da heterossexualidade” (PRECIADO, 2011, p. 14) em sua atuação, permeando práticas multiculturais que ampliam a invenção de inúmeras formas de ser e viver. Embasados em várias epistemologias foram reduzidos na academia a um campo singular de pesquisa chamado A Teoria Queer, que resume-se apenas à importação de concepções europeias e americanas que apagam vastos saberes subversivos, reduzidos a um único pensamento.

O próprio nome “Teoria Queer” já sustenta uma contradição, porque a palavra “teoria”, associada a metodologias científicas, dialoga com “queer”, a essência do desviante²⁹. Em oposição, uma potente coerência em transgredir os caminhos binários do conhecimento fabrica uma espécie de “anti-teoria”, provocando a produção coletiva constante de novos saberes.

A autora chicana³⁰ queer Gloria Anzaldúa³¹ aborda a identidade queer como um sinônimo de não pertencimento, pois para ela “Sendo queer, sendo de cor, eu me considero entre as Fronteiras (a real encruzilhada ou ponte), essas duas ‘leituras’.” (ANZALDÚA, 2009, p. 09), elaborando pontos de vistas singulares a partir do eixo da marginalização. As perspectivas de sujeitos que habitam as fronteiras abarcam “multidões de fracassados” que compartilham redes de afeto e identificação por meio da exclusão, redes essas que formulam pedagogias queer através de um olhar inclusivo e coletivista para esses corpos.

A educadora mineira Guacira Louro³² (2004, p. 1049)³³ salienta, em suas propostas, a necessidade de elaboração de currículos escolares mais inclusivos que rompam com o caráter limitante e anacrônico da educação escolar brasileira:

[o termo queer] passou a ser, então, mais do que o qualificativo genérico para gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros de todas as colorações. A expressão

²⁹ Os debates sobre teoria queer foram retirados do curso “Teoria Queer I e II” ministrado pela historiadora e escritora transfeminista Helena Vieira. Disponível na página da autora < <https://www.instagram.com/helena.vieiras/?hl=pt-br> >. Acesso em: 27 nov. 2021.

³⁰ O termo chicana se refere a imigrantes mexicanes que constroem uma cultura híbrida de valores e linguagens de resistência nos Estados Unidos, contestando aspectos colonialistas americanos.

³¹ Gloria Anzaldúa foi uma teórica feminista chicana que escreveu a partir das perspectivas decoloniais sobre feminismos e movimento queer.

³² Guacira Lopes Louro é professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e escreve sobre educação, pedagogia queer, gênero e sexualidade. A autora foi uma das responsáveis por trazer o pensamento pós-identitário para o Brasil, através da obra *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*.

³³ No caso deste livro, que é um *e-book* sem paginação, “p.” refere-se à posição da citação no Kindle.

ganhou força política e teórica e passou a designar um jeito transgressivo de estar no mundo e pensar o mundo.

Assim, a educadora descreve uma percepção diferenciada sobre a potencialidade dos movimentos queer na educação, abrindo portas para a inclusão das diversidades dentro desses espaços como uma ferramenta importante de mudança e movimento para o cotidiano escolar.

1.6 Inventando o Cais³⁴

As perspectivas queer dialogam não apenas com as práticas pedagógicas, mas com os próprios caminhos que a arte pode desempenhar para cada estudante, pois a busca por realidades alternativas ao cenário normativo é trabalhada em diferentes canções, como na invenção de *Cais* de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Na obra, o arranjo desenha uma poética que combina aspectos musicais com a letra, entrelaçando conteúdo e forma como um só. No encontro do cais, descrito na música, a partir de uma brusca mudança para uma parte instrumental, renasce uma simples melodia circular.

A canção desaparece paulatinamente através de um *fade out*, deixando no ar um sussurro de música. A sensação dispara nostalgia que opera por meio da voz de Milton acompanhada por um humilde piano, que destaca “esbarrões” e “erros” de notas³⁵. A escolha de manter esses detalhes na versão final destaca uma coerência artística diferenciada do Clube da Esquina, uma sensibilidade e atenção que percorrem todo o seu fazer artístico.

*Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento Lua nova a clarear
Invento o amor*

*E sei a dor de encontrar
Eu queria ser feliz*

*Invento o mar
Invento em mim o sonhador*

*Para quem quer me seguir
Eu quero mais*

³⁴ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *O Cais* de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dtZVQGa9eDw>>. Acesso em: 20 out. 2021.

³⁵As informações sobre o processo de gravação da canção *Cais* de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos foram extraídas da disciplina optativa de graduação em Música na Universidade de São Paulo *Estudos Especiais: aspectos musicais do Clube da Esquina* Ministrada pelo Prof. Dr. Ivan Vilela no ano de 2018.

*Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir*

*Invento o cais
E sei a vez de me lançar
Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento em mim o sonhador*

A música produz movimento a partir da simbologia ambígua do “cais”, que ao mesmo tempo que amarra os barcos, os deixa ir. A liberdade, dessa forma, se anuncia entre ficar e partir, à beira de uma imensidão desconhecida. O convite para a viagem desloca es ouvintes de suas zonas de conforto, cada uime em busca de sua nova realidade. A “invenção” provoca uma transgressão da linguagem, que se afasta de tudo que já foi “inventado” e “descoberto” dentro da ciência e da academia, transbordando possibilidades a partir do lugar em que se insere a arte, pois no encontro com o desviante descreve o que as perspectivas queers procuram fabricar com seus sonhos e corpos: um universo onde não há linha separando o horizonte³⁶.

1.7 Improvisando a partir do brincar: que vivan los estudiantes. Pajarillos libertarios³⁷

Além das perspectivas da forma e letra de *Cais*, a música conta com uma série de recursos de pós-produção a partir do improviso com experiências sonoras. Para elaboração da canção, técnicas de estúdio foram utilizadas para incrementar sua faixa, abordando o que o educador e compositor Sérgio Molina³⁸ nomeia de “colagens musicais”, ou seja, a adição de determinados sons e efeitos após a gravação para produção de um arranjo denso de camadas e planos musicais diferenciados.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a tecnologia foi utilizada para elaboração da música, a escolha por manter determinadas imperfeições da performance no áudio final caracterizou a estética marcante do álbum do Clube da Esquina. O improviso aparece, dessa

³⁶ Os breves comentários sobre a canção *Cais* provocam a necessidade de um aprofundamento em futuros trabalhos.

³⁷ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Me gustan los estudiantes* de Violeta Parra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2_k6A4MVCEI>. Acesso em: 24 nov. 2021.

³⁸ Sérgio Molina é compositor e professor, coordena a pós-graduação em Canção Popular na FASM (Faculdade Santa Marcelina) e leciona Composição no Instituto Carlos Gomes de Belém (PA). O termo “colagens musicais” foi retirado de sua tese de doutorado, *A composição de música popular cantada: a construção de sonoridade e a montagem de álbuns no pós década de 1960*, em que analisou o álbum *Minas* de Milton Nascimento.

forma, como uma ferramenta transgressora, que abre portas tanto para a presença de sons sintetizados como de performances imprecisas.

Esse mesmo recurso da improvisação utilizado pelo grupo como “metodologia” para a composição, está presente na sala de aula, pois, segundo a educadora e musicista Teca Alencar de Brito³⁹, a ferramenta da improvisação dialoga diretamente com o caráter “brincante” da criança que, “ [...] brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia.” (BRITO, 2013, p. 35). Portanto, o improviso na sala de aula estimula o amadurecimento do estudante por meio de dinâmicas de socialização e desenvolvimento do diálogo, seja por sinais, falas inventadas ou através da própria música.

O revezamento de lideranças dentro do cotidiano escolar é fundamental para explorar a democracia e a autonomia na sala de aula, o que bell hooks testemunha em suas vivências como docente: “[...] tanto eu como todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos.” (hooks, 2018, p. 26), ilustrando sua preocupação em construir um espaço em que todos tenham voz. Durante as atividades da disciplina de graduação *Práticas Experimentais de Criação Musical* ministradas pelo Prof. Dr. Rogério Costa, foram exploradas, a partir do improviso coletivo, formas de dialogar e inventar musicalmente mediadas por poéticas escolhidas pelo grupo. Através de uma série de provocações e propostas do docente, o fazer musical se dava espontaneamente por meio de conversas e reflexões em busca de uma prática de improvisação livre.

Para tanto, foi preciso permanecer atento aos vícios de performance de cada um, elaborando ferramentas para fugir de campos preestabelecidos e idiomáticos de improviso. No artigo *Ideias preliminares sobre as noções de controle e intencionalidade em ambientes complexos de performance*, Costa aborda as dificuldades em habitar um trajeto constante de descontrole, uma espécie de recusa do fracasso de um plano estético musical. Os debates e opiniões em sala de aula contribuíram para a constante desconstrução de saberes, estimulando a diversidade de visões de mundos que se afastam dos modelos únicos de sucesso, pois, de

³⁹ Teca Alencar de Brito é pianista e educadora musical, professora titular aposentada de Licenciatura em Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Ministra aulas de educação musical em sua Oficina de Música. É sócia da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical) e fundadora do FLADEM Brasil (Fórum Latinoamericano de Educação Musical), assim como elaboradora do Referencial Curricular Nacional para educação infantil.

acordo com Halberstam, “[...] o fracasso preserva um pouco da extraordinária anarquia da infância [...]” (HALBERSTAM, 2020, p. 8).

1.8 Plunct plact zum! Não vai a lugar nenhum⁴⁰: quando minhe filhe crescer vai ser de Urano?⁴¹

No entanto, apesar das divergências dentro da sala de aula indicarem movimento e debate, práticas democráticas de educação e improviso podem ser vistas como “bagunça”. Em uma ocasião em uma escola de música particular da zona sul paulistana, vivenciei uma experiência como professora em que o pai de uma criança incomodou-se com exercícios de improviso e exploração, apontando uma suposta falta de interesse do filho, devido à ausência de conteúdos musicais adequados, no lugar apenas de “brincadeiras”.

O curioso uso da palavra “brincadeira” de maneira pejorativa desconsidera que a maior parte do aprendizado de uma criança de quatro anos se faz através desse recurso lúdico. O estudante, porém, tinha dificuldade de se envolver com as atividades porque apresentava cansaço durante as aulas, em decorrência de uma carga horária extensa cobrada pela família: estudos de línguas, natação e aulas de música, além das atividades curriculares. No seu discurso, o pai assinalava uma preocupação controladora e elitista com o futuro de seu filho, descrito como “astro do rock”.

Em diversas ocasiões nessa mesma escola crianças disseram diretamente aos educadores que não queriam fazer aulas de música, mas eram obrigadas por suas famílias, destacando uma fantasia dos adultos sobre seus filhos. Essas projeções familiares alimentam uma ideia de genialidade imbricada em uma perspectiva burguesa de sucesso, que estimula a obrigação de uma série de habilidades intelectualizadas para a manutenção de um *status* padrão de elite.

Como forma de romper esse estigma, a teoria sobre o fracasso procura estimular o reconhecimento do desinteresse das crianças como potencial para percepções menos fictícias da realidade. Para Jack Halberstam, o fracasso “[...] proporciona a oportunidade de usar essas

⁴⁰ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Carimbador maluco* de Marcelo Ramos Motta, Paulo Coelho De Souza e Raul Santos Seixas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ent-iYyT0u4>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁴¹ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi inspirado no livro *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* de Paul Preciado, o planeta é utilizado como uma referência queer e desviante.

emoções negativas para espetar e fazer furos na positividade tóxica da vida contemporânea.” (HALBERSTAM, 2020, p. 08), traçando descaminhos inventados pelas estudantes a partir do rompimento com o que já é conhecido.

1.9 Caminhos alternativos: solto a voz nas estradas, já não quero parar!⁴²

Paulo Freire (2002, p. 110) aponta a importância de uma educação crítica frente ao sistema capitalista, consciente das bolhas que cercam a sociedade. O educador ressalta a necessidade de proteger e valorizar tanto os desejos pessoais como as frustrações, como uma forma de preservar os processos de aprendizagem e minar concepções compulsórias de felicidade:

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimentos dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Assim, o fracasso pode ser entendido como “uma possível recusa da maestria” (HALBERSTAM, 2020, p. 16), questionando papéis autoritários e hierárquicos dos educadores dentro das instituições. Neste capítulo foram exploradas diversas percepções sobre a teoria do fracasso, refutando a ideia de uma “receita” fixa para construir processos de aprendizado queer, pois, segundo Ana Santos, os corpos “[...] fizeram ver e ouvir e minaram os espaços normativos com a sua diferença, com o seu *glitch*, com o seu potencial *crip*⁴³, com sua arte transviada.” (SANTOS, 2018, p. 13). Em outras palavras, a autora aborda os infinitos potenciais e caminhos para romper com a “bolha capitalista de sucesso”, mediados pela força do efeito do *glitch*⁴⁴ que será explicado no próximo capítulo.

⁴² O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Travessia* de Milton Nascimento e Fernando Brant. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tBa2Z28oPRU>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

⁴³ A Teoria Crip foi inventada por pessoas com deficiência para questionar os binarismos capacitistas de “normalidade”. O conceito se encaixa dentro do “guarda-chuva” de dissidências queer.

⁴⁴ O termo *glitch* é utilizado como sinônimo para erros em códigos binários, reapropriado pelos movimentos feministas e LGBTQIAP+ como uma forma de questionar as limitações dos binarismos.

CAPÍTULO 2:

ENTRE A LINHA E O ESPAÇO: O GLITCH

2.1 Três aspectos do Glitch

2.1.1 O Glitch: pílula vermelha ou azul?⁴⁵

“[...] o corpo *glitch* é uma ameaça aos sistemas normativos [...]” (RUSSEL, 2013, apud SANTOS, 2018, p. 05).

No capítulo anterior, a teoria sobre o fracasso de Jack Halberstam foi abordada como uma provocação para as relações entre poder e educação, assim como uma ferramenta de crítica aos limites das estruturas de ensino que abarcam apenas uma minoria⁴⁶. Educadoras como bell hooks, Paulo Freire e Teca Alencar de Brito apontam para a necessidade de diluir a dicotomia entre estudante e professore, incentivando a autonomia e o engajamento. A partir da invenção de trajetórias alternativas para a educação, afastam-se de paradigmas engessados, destacando a urgência da expansão dos processos de aprendizagem por meio das lacunas do sistema tradicional.

Os caminhos propostos por elas desviam-se de concepções canônicas de educação exercendo a função de potenciais *glitch*⁴⁷, termo inventado por tecnólogos nos anos 60, referente aos erros na transferência de dados “nos códigos binários” (SANTOS, 2018, p. 152), metáfora para as transgressões de saberes tradicionais. O *glitch* foi transposto para diversas áreas de conhecimento, apropriado pelos movimentos feministas e LGBTQIAP+ para debater as falhas dos rótulos identitários que provocam e incomodam as convenções binárias: feminino/masculino, claro/escuro, branco/não-branco, fraco/forte, capaz/incapaz, bem/mal, inteligente/burro, rico/pobre, gordo/magro, vencedor/perdedor e etc.

⁴⁵ O trecho “pílula azul ou vermelha” citado no subtítulo do capítulo faz uma referência à escolha de Neo no filme *Matrix*, entre viver em um mundo consciente da manipulação política ou seguir alienado do funcionamento do sistema. A saga foi dirigida pelas irmãs Wachowski.

⁴⁶ O uso do termo “minoria” se refere a um grupo menor de pessoas e não a identidades dissidentes.

⁴⁷ O conceito *glitch* foi abordado a partir da referência do artigo

Corpos transviados, corpos falhados: a arte queer do fracasso no desporto de Ana Santos. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

O rompimento de “caixinhas” predeterminantes de corpos caracteriza a invenção de ferramentas progressistas para o ensino, desviando-se de dispositivos escolares ultrapassados que impelem autonomia e liberdade. Em 1979, os gritos anarquistas da música *Another Brick in the Wall*⁴⁸ de Pink Floyd já apontavam a necessidade por mudanças nas práticas autoritárias da sala de aula, que hoje continuam em pauta, disputando com muros conservadores que colocam “panos quentes” para separar diversidade e política da escola.

2.1.2 O Glitch na sala de aula: We don't need no thought control

O *glitch* dentro das instituições escolares ocorre espontaneamente a partir de conflitos em espaços formais e não formais de aprendizado; entretanto, pode ser disparado intencionalmente através de provocações. Para fomentar territórios de crítica é necessário que o professor “venda seu peixe”, conquistando a confiança da gestão por meio da justificativa de ferramentas educativas baseadas em referenciais canônicos.

A exigência, pela instituição escolar, de que os educadores assumam uma postura neutra e imparcial, implica a reprodução de uma educação bancária pautada por relações autoritárias, o que descarta o conhecimento prévio dos estudantes para ensinar e proteger os valores de ética e ordem da instituição. A analogia da “*tabula rasa*”⁴⁹ de Freire se insere nesse espaço, ilustrando uma visão reacionária de educandos ignorantes que precisam da escola para serem “esculpidos” e transformados em “sujeitos” (hooks, 1989) socialmente reconhecidos.

O *glitch*, dessa forma, pode ser visto como uma maneira de romper com esses estigmas sobre o estudante, como em uma ocasião, em um período de experiência como professora em uma escola de ensino infantil particular e religiosa da região oeste da cidade de São Paulo, em que me deparei com situações semelhantes. Por exemplo: durante as aulas de música do Infantil V, uma criança reclamou do nome “meia-lua” para um instrumento percussivo circular, já que o termo havia sido utilizado anteriormente para um outro semelhante em semicírculo, então a estudante sugeriu renomeá-lo de “lua inteira”, em

⁴⁸A música *Another Brick in the Wall* da banda britânica Pink Floyd foi lançada no ano de 1979. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>>. Acesso em: 24 nov. 2021. Dela também foi retirado o trecho citado no subtítulo do capítulo a seguir, “We don't need no thought control”, de caráter subversivo e transgressor.

⁴⁹ *Tabula rasa* é uma analogia utilizada por Paulo Freire para se referir a visão tradicionalista de que o estudante não possui conhecimentos prévios, e portanto precisa ser “esculpido” a partir dos saberes do professor.

associação à diferença de sua forma física. Embora a situação pudesse se passar em outras disciplinas, destaca as limitações da linguagem padrão para descrever a potência de um instrumento que possui diferentes características identitárias, como: forma, origem, corpo, timbre e som, que abrem possibilidades para invenção de nomes e contextos diversos, que transgridem concepções cartesianas e científicas.

Da mesma forma que em uma outra situação nessa mesma escola, durante um jogo de apresentação com rimas dos nomes próprios com comidas prediletas, um estudante do Infantil III insistiu que a palavra “caqui”, escolhida pela professora de sala, não era uma fruta e sim o nome do filho da galinha. Explicou que “Caqui! Caqui!”, era o som que a galinha fazia para chamar os pintinhos na fazenda em que passara o último final de semana, e, portanto, o nome do animal teria que ser esse, reivindicando um novo sentido para uma palavra que também é som.

As duas situações relatadas provocam os múltiplos sentidos e universos que uma mesma palavra/som pode significar para cada uma, a partir de suas vivências singulares. As percepções das crianças desbravam campos e cosmovisões criativos e inusitados, questionando as educadoras sobre suas concepções engessadas de conhecimento. Nos depoimentos, aparecem saberes de tradição oral, que indicam uma recusa da escola em aceitar “[...] o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação.” (FREIRE, 2002, p. 49).

As complexas relações de afeto permitem espaços de construção de conhecimento democráticos em momentos de lazer, subjugados pejorativamente por uma dicotomia binária de ócio e trabalho, como categorias heterogêneas de vadiagem e produtividade. O filósofo John Dewey⁵⁰ assinala que “[...] há uma unidade da experiência que pode ser expressa apenas enquanto uma experiência” (DEWEY, 1974, p. 254), compreendida pela vivência do processo de aprendizado em si. Mesmo assim, o estigma sobre espaços informais de conhecimento são disseminados como recurso para minar perspectivas alternativas de ensino.

O movimento na sala de aula é fundamental para que a educação permaneça viva e transformadora, mediando espaços democráticos, autônomos e participativos para todos. Entretanto, a ausência de caminhos alternativos leva sujeitos escolares a aceitarem a

⁵⁰John Dewey foi um filósofo americano precursor do pragmatismo. Escreveu sobre filosofia e educação nos séculos XIX e XX.

sobrecarga que, muitas vezes, gera questões de saúde física e mental, como *burnouts*⁵¹. A ausência de sentido sublinha a irrelevância da informação sem realidade prática, pois “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana.” (LARROSA, 2002, p. 26). Assim, o *glitch* provoca a busca por sentidos, através da renovação dos saberes e das ferramentas educativas.

2.1.3 A repressão do Glitch: colocando a prática musical nos trilhos

Mesmo que o educador possua consciência de suas limitações e lugares-comuns educativos, o ato de sair cotidianamente da zona de conforto não é fácil, pois os *glitch* aparecem em situações de confronto, que podem ser encaradas como desautoridade dos estudantes frente aos professores. Para exemplificar, relato uma experiência de regência no estágio na disciplina de graduação *Metodologias de Ensino de Música com Estágio Supervisionado IF*⁵², em que vivenciei uma situação semelhante ministrando uma atividade junto a uma colega.

A proposta dirigia-se a uma turma mista de crianças de quatro a seis anos em uma EMEI⁵³ da zona oeste paulistana, adaptando o jogo “solo-fantasia”⁵⁴ do educador Hans-Joachim Koellreutter. Durante a sua execução, a maioria dos estudantes tocou o mesmo som do primeiro colega, até que um educando inventou uma rítmica contrastante, interrompida pela professora que interveio fisicamente em seu movimento, afirmando que deveria tocar como o resto da sala. Ao fim da atividade levantei, junto a minha colega de estágio, a possibilidade da professora ter entendido o jogo como uma atividade de imitação, mas ainda que isso seja verdade, destacou-se uma dificuldade da docente em compreender especificidades da área de Música, incomodando-se com modelos anárquicos de criação em sala.

⁵¹ *Burnout* é um termo em inglês utilizado para descrever um estado físico e psicológico agudo de estafa.

⁵² A atividade descrita foi inicialmente abordada e discutida no artigo *Estágio Universitário em Música na educação infantil: um relato de experiência da regência na prática escolar* publicado na revista *Música em Foco*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 76-86, 2021 da UNESP em 2021. Por Flora Camargo Gurfinkel e Veridiana Gonçalves Dias.

⁵³ A sigla EMEI se refere às escolas municipais de ensino infantil.

⁵⁴ O jogo de improvisação solo-fantasia está transcrito no livro *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical* de Teca Alencar de Brito. Esse jogo é uma proposta inventada pelo educador Hans-Joachim Koellreutter, que foi compositor, educador e musicólogo, fundador do movimento Música Viva; trouxe importantes contribuições, principalmente para a área de educação musical.

Essa situação corretiva pareceu bastante contraditória, já que a professora estimulava um olhar atento às artes plurais, propondo rodas de canção, cortejos musicais⁵⁵ e momentos de escuta⁵⁶. O desejo individual de colocar a experiência musical “nos trilhos” falou mais alto em uma situação de insegurança e desconhecimento, fazendo a professora valorizar um resultado estético e técnico. A educadora Teca Alencar de Brito salienta em suas pesquisas que “[...] importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música [...]” (BRITO, 2013, p. 46), assinalando a importância de práticas musicais de fracasso, que se contrapõe à demanda da comunidade escolar de festas e apresentações, que permeiam formas de “sucesso”.

2.2 Vai ser Queer na vida!⁵⁷

O calendário escolar, com as demandas de eventos extracurriculares, atravessa o planejamento das aulas junto aos valores normativos da instituição, que influenciam a maneira de pensar dos estudantes. A canonização de um discurso pejorativo sobre o fracasso estimula, através do medo, que educandos sigam apenas os caminhos apresentados pelos professores, colaborando para o enraizamento de mitos capitalistas imbricados no sistema. Além disso, a desnaturalização da falha como parte do processo educativo impacta em multidões de estudantes deslocados e frustrados com a instituição, sem espaço para trabalhar dificuldades e inseguranças.

Em uma experiência de estágio de observação da disciplina de graduação *Metodologias do Estágio Supervisionado I*, em uma EMEF⁵⁸ da região do Butantã, assisti a uma situação semelhante. Durante uma tutoria em roda de uma turma de crianças de dez anos, a professora, que se mostrava cansada, reprimiu um estudante que se sentava na cadeira dela. Ela alegou ter dores nas costas, e por isso o aluno teria que sentar no chão como os colegas; entretanto, como o estudante demorou para se deslocar, a professora, incomodada,

⁵⁵ As rodas de canções aconteciam diariamente a partir de um repertório pré determinado de músicas brasileiras tradicionais como: *Jacaré poiô*, *Tá caindo Flô*, *Olaria do povo*, *Rosa Menina* e *Canto da Sereia*. Estudantes cantavam e tocavam se acompanhando com pequenas alfaias, realizando pequenos cortejos musicais nos trajetos de troca de sala.

⁵⁶ Os momentos de escuta foram espaços de apreciação musical, nos quais a professora trazia um repertório de canções brasileiras.

⁵⁷ O trecho do subtítulo faz alusão à frase “vai ser gauche na vida” do *Poema de sete faces* de Carlos Drummond de Andrade, apropriada para o contexto das epistemologias queer.

⁵⁸ A sigla EMEF refere-se às escolas municipais de ensino fundamental.

censurou-o, afirmando que ele nunca se sentaria – simbolicamente – naquela cadeira, pois já que não fazia as lições de casa não se tornaria professor.

A colocação da docente se deu de uma maneira bastante violenta, tomada pelo calor do momento. Ao invés de propor um diálogo, optou pelo caminho do “teorismo insitucional”, pregando uma ideia positivista de que a entrega das tarefas escolares seria sinônimo de sucesso na vida. A criança ficou bastante frustrada e envergonhada com a exposição na frente da turma, pois a docente sustentou uma ideia de que o atraso nas entregas dos trabalhos seria uma provocação pessoal. A frustração escolar não é uma exceção e é necessário analisá-la no contexto social e coletivo em que ela se insere, “[...] deslocando, assim, os problemas da deficiência⁵⁹ do âmbito pessoal para o âmbito social.” (SANTOS, 2018, p. 06).

Todavia, não é possível reconhecer os reais motivos que levaram o estudante a não entregar as tarefas – há inúmeras causas que poderiam estar prejudicando seu estudo, por exemplo: falta de espaço adequado em sua casa, conflitos familiares, questões de saúde, ou até frustrações consigo mesmo e com a instituição escolar. Portanto, segundo o educador musical Murray Schafer, é necessário que o educador mantenha seus “ouvidos abertos”⁶⁰ (SCHAFER, 2011), não apenas aos aspectos musicais, mas pedagógicos, pois a escuta vai além do que é verbalizado, encontrando-se nos *glitch* das entrelinhas.

2.3 O Glitch no ponto da invenção da binaridade

Da mesma forma que o termo pode ser compreendido como transgressões no contexto escolar, na sociologia o chamado “ponto de origem das opressões” é utilizado como ferramenta para arquitetar a interseccionalidade – uma forma de luta que soma corpos que sofrem diferentes opressões – convergindo em potenciais *glitch* contra o sistema. A professora e socióloga Patricia Hill Collins⁶¹ descreve que a origem das opressões está no centro da invenção da binaridade – em outras palavras, o dispositivo binário ocidental foi

⁵⁹ O termo “deficiência” utilizado pela autora no artigo *Corpos transviados, corpos falhados: a arte queer do fracasso no desporto*, refere-se a pessoas com deficiência motora. Entretanto, foi reapropriado no trabalho como um sinônimo para todo tipo de dissidência em relação à norma capacitista.

⁶⁰ O termo “ouvidos abertos” foi retirado do livro *Ouvido Pensante* de Murray Schafer.

⁶¹ Patricia Hill Collins é uma renomada professora universitária de sociologia americana, ex chefe do Departamento de Estudos Afro-americanos da Universidade de Cincinnati e a primeira mulher afro-americana a ocupar o cargo de presidenta do conselho da Associação Americana de Sociologia.

criado para separar o mundo em dicotomias, com o intuito de fortalecer as diferenças como desigualdades (GONZALEZ, 2020).

O processo de hierarquização das diversidades fragmenta as pautas ao invés de uni-las como ferramenta de luta coletiva, pois seu encontro é de extrema importância para debates conscientes e politizados acerca de: privilégios, branquitude, capacitismo, gordofobia, classes, gêneros, localidades e feminismos plurais, temas que costumam estar pouco presentes nos debates feministas neoliberais canônicos. Além disso, o reconhecimento da invenção de um dispositivo para separar as pautas permite a desconstrução de uma ideia naturalista de que a binaridade sempre existiu, desmascarando sua origem e intenção colonialista. Na ótica sociológica, o *glitch* destaca a instabilidade do sistema binário que pode ser abalado e “desinventado” a qualquer momento – como Ana Santos aborda, o “[...] *glitch* abraça o erro e reconhece-o no sistema social, por si só já perturbado pela estratificação econômica, racial e social, sexual e cultural, bem como pela globalização [...]” (SANTOS, 2018, p 04).

2.4 “Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua!”⁶²

Na linguagem não é muito diferente – há inúmeros códigos, línguas e dialetos personalizados como ferramentas de resistência, que permitem a comunicação entre es membros de um grupo sem a identificação de seus dominadores. A filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez⁶³ aponta para o reconhecimento de uma nova língua brasileira nomeada como “pretuguês”⁶⁴ (GONZALEZ, 1988), que já deixou os valores portugueses em troca das marcas da colonização e da influência das culturas afro-indígenas-americanas escravizadas.

Essa nova língua, que nasce das lacunas do sistema formal, reivindica identidades apagadas e violentadas pela colonização, carregando signos e tradições ancestrais que

⁶² O trecho do subtítulo foi retirado do texto *Como domar uma língua selvagem* de Gloria Anzaldúa, publicado no dossiê difusão da linguagem brasileira no 39, dos cadernos de letras da UFF, na página 305 em 2009. Disponível em:

<http://www.campogrande.ms.gov.br/semu/wp-content/uploads/sites/26/2019/10/15-anzaldua|ü_como-domar-uma-lingua-selvagem.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2021.

⁶³ Lélia Gonzalez é uma filósofa, antropóloga e professora militante do movimento negro feminista, autora de diversas obras que desenvolveram as interações entre gênero e raça no Brasil.

⁶⁴ O conceito “pretuguês” foi inventado por Lélia Gonzalez para se referir à língua brasileira e a seu potencial afro-latino-americano. Em seu artigo *A categoria político-cultural de amefricanidade*, 1988, página 70. Disponível em:

<<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-GONZALEZ1.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

compõem o ponto de encontro da latinidade brasileira. O filósofo Michel Foucault descreve que “[...] o domínio do poder sobre o sexo⁶⁵ seria efetuado através da linguagem, [...]” (FOUCAULT, 1980, p. 81), adiantando o que Lélia abordaria, assim como muitas outras mulheres negras feministas, ao colocar em diálogo os eixos de raça e classe.

O Pajubá, um dialeto elaborado por influência das línguas e religiões de matrizes africanas ocidentais, foi utilizado pela população LGBTQIAP+ durante a repressão da ditadura civil militar como forma de sobrevivência. Nas palavras de bell hooks há um “vínculo entre as línguas e a dominação” (hooks, 2018, p. 224), seja brasileira, indígena, pajubá ou musical. Na última, a hierarquização se repete: mesmo que se tenha uma vasta pluralidade de registros musicais, há um desejo imperialista de determinar uma notação universal.

Entretanto, um único sistema não é capaz de abarcar todas as peculiaridades de cada fazer, pois entre uma pauta e uma linha existe um universo de possibilidades e *glitch* para serem descobertos. A unificação de uma padrão estimula o apagamento de todas as outras formas de registro, minando o potencial subversivo da diversidade cultural, que fortifica alianças contra os valores dominantes. Segundo a chicana Gloria Anzaldúa “[...] somos um povo complexo, heterogêneo, nós falamos muitas línguas.” (ANZALDÚA, 2009, p. 308) e a repressão a qualquer conhecimento que se desvie da norma e abrace os *glitch* representa uma ameaça ao sistema dos corpos, mentes e línguas desviantes e “desobedientes”.

2.5 Epistemologías alternativas: Es mi destino, Piedra y camino. De un sueño lejano y bello, viday. Soy peregrino!⁶⁶

“O que somos?” (KRENAK, 2021)⁶⁷

Além da invenção de linguagens alternativas às canônicas, várias culturas buscaram se afastar da lógica capitalista neoliberal de avanço e “desenvolvimento” construindo

⁶⁵ O termo “sexo” utilizado por Foucault pode ser compreendido atualmente como um dispositivo que incide tanto sobre sexo como sobre gênero.

⁶⁶ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Piedra y camino* de Mercedes Sosa e Hector Roberto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSIsPHw_VNI>. Acesso em: 24 nov. 2021.

⁶⁷ A frase da epígrafe do subtítulo foi retirada da fala de Ailton Krenak na mesa de debates *Conversa Selvagem – Primeira Flecha: A serpente e a Canoa, de Ailton Krenak e Anna Dantes*, durante o Festival de artes indígenas *Rec Tyty* em 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AMmrj8e9OUo>>. Acesso em: 22 out. 2021.

narrativas paralelas. O escritor e filósofo Ailton Krenak no documentário “A Serpente e a Canoa”⁶⁸ apresenta o ser humano como uma pluriversidade de células vivas e autônomas, e portanto um universo inteiro de possibilidades. Essa concepção de vida direciona para uma visão menos antropocêntrica e universalizante, uma ideia de que os seres humanos não possuem controle sobre si, nem sobre natureza e o mundo, assim fugindo da dicotomia fracasso-sucesso.

Na contradição da binariedade outras possibilidades e sonhos são inventados; como Krenak afirma “O importante é buscar o que somos nós, e não quem somos”⁶⁹, aceitando nossos corpos e identidades sem julgar e rotular comportamentos. No pensamento pós-identitário, do qual as teorias queer fazem parte, há uma ideia semelhante, em que a crise das identidades pós-modernas destacam sujeitos que não são formados por concepções fixas, mas conjuntos de diversidades e opiniões cambiantes – e sua fluidez é entendida como um processo natural do ser humano que se modifica a cada dia.

Entretanto, a proposta pós-identitária rompe com os rótulos que reivindicam lutas ainda em processo no Brasil, e para sua libertação seria necessário uma consciência coletiva sobre as opressões e oportunidades diferentes de cada uma. A perspectiva pós-identitária, portanto, não pode ser confundida com o simples apagamento das pautas sociais que coloca todos no mesmo patamar – pois esse é um cenário impossível –, mas ela traz a possibilidade de trânsito entre as identificações sem reproduzir discursos racistas e elitistas, de suposta igualdade e superação das diferenças. Krenak reflete sobre a necessidade de aceitação do fracasso humano a partir do reconhecimento histórico dos conflitos da colonização brasileira, descrevendo que a busca por “desenvolvimento” e lucro guiaram apenas para guerras e conflitos repetitivos. É importante salientar que o filósofo possui uma concepção de ser humano como parte da natureza, e que a destruição dessa, na verdade, seria a destruição de si mesmo.

Cosmovisões complementares, como a do livro *O Bem Viver*⁷⁰, de Alberto Acosta, dedicam-se a realizar uma feroz crítica aos modos de vida autodestrutivos da “civilização

⁶⁸ O documentário *A serpente e a canoa* de Ailton Krenak e Anna Dantes foi exibido no Festival de artes indígenas *Rec Tyty* em 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>>. Acesso em: 22 out. 2021.

⁶⁹ Idem nota 66.

⁷⁰ O livro *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* de Alberto Acosta discorre sobre a concepção de vida “Bem viver”, uma epistemologia contrária aos ideais capitalistas de desenvolvimento e globalização em harmonia com o corpo e a natureza.

capitalista”. Acosta (2017, p. 24) explica que a metáfora do desenvolvimento “Transformou-se em uma meta a ser alcançada por toda a Humanidade. Converteu-se em uma exigência global que implicava a difusão de modelo de sociedade.”, no qual a universalização de sucesso e bem viver estariam imbricados.

No auge do imperialismo, ganhou destaque o conceito do “desenvolvimento”, usado como justificativa para a imposição de um “modelo perfeito de vida”, nomeado como “civilização”. Krenak, porém, ironiza essa perspectiva capitalista, ressaltando que os seres humanos são muito pequenos em relação ao todo da natureza, que se transforma e se adapta aos ataques da humanidade. O reconhecimento das verdadeiras intenções dos projetos imperialistas resulta na aceitação do fracasso da ideia de “desenvolvimento”, que não passa de um sinônimo de destruição.

2.6 Amor ao abismo⁷¹: habitando o fracasso

As epistemologias de Acosta e Krenak pautam maneiras alternativas de viver, da mesma forma que os estudantes nos relatos acima encontraram caminhos próprios para sua aprendizagem. Tanto os autores quanto os alunos apresentam conflitos compartilhados por falhas do sistema capitalista, que procura individualizar os conflitos classificados como exceção, omitindo seus limites a partir da “[...] separação dualista entre o público e o privado, estimulando os professores e os alunos a não ver ligação nenhuma entre as práticas de vida, os hábitos de ser e os papéis profissionais.” (hooks, 2018, p. 29). A alienação e a desvalorização do educando sobre si mesmo produz ausência de sentido para os saberes escolares, que projetam caminhos predeterminados de sucesso. Entretanto, elaborar uma jornada pressupõe experimentações e mudanças, como no diálogo entre Alice e o Gato⁷², em que a exploração a partir de errâncias leva a personagem ao encontro do seu caminho (CAROLL, 2000, p. 81):

[Alice] “Você poderia me dizer, por favor, qual o caminho para sair daqui?”.
“Depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato.
“Não me importa muito onde...” foi dizendo Alice.
“Nesse caso não faz diferença por qual caminho você vá”, disse o Gato.

⁷¹ O trecho do subtítulo do capítulo foi retirado da música *Amor ao Abismo* da Banda Mumanta, gravada em 2020, contemplada pelo edital Funarte Respirarte. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wJsG9VRFA84>>. Acesso em: 21 out. 2021.

⁷² O trecho foi retirado do livro “Alice no país de maravilhas” de Lewis Carroll. Disponível em: <https://www.objetivo.br/arquivos/livros/alice_no_pais_das_maravilhas.pdf>, 24 nov. 2021.

“...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice, explicando.
“Oh, esteja certa de que isso ocorrerá”, falou o Gato, “desde que você caminhe o bastante.”

A despreocupação de Alice em relação ao destino final é contrária à percepção de conhecimentos canonizados que rechaçam perspectivas de erro como parte do processo de aprendizado. Atitude semelhante à de Alice pode ser vista na música *Amor ao Abismo*⁷³ da Banda Mumanta, da qual participo: pela letra, se pode notar que a busca da “normalização” do fracasso atravessa um extenso caminho de desaprendizagem, que habita “abismos” para criar novos imaginários. A canção aponta para as contradições e limitações das dicotomias binárias, operando a partir dos *glitch* como potenciais de diversidade. A conscientização de um não-pertencimento ao padrão obriga a um doloroso processo de desconstrução e invenção de um novo eu. A autora Ana Santos complementa sua poética, destacando que “Existe um potencial crítico e transformador de paradigmas no corpo transviado, um potencial que abala as concepções de perfeição e capacidade e permitem novas formas de ser no mundo.” (SANTOS, 2018, p. 12).

Amor ao Abismo

*“Minha carne é uma estrada
Minha mente é um portal
Rumo ao profundo inconsciente abismal*

*Vou trocando ideias ditas
Por ideias construídas
Construindo o real
E dissecando as feridas*

*Não é fácil, é difícil
Demolir os labirintos
Transeunte em transição
Flutua na imensidão*

*Giro em torno de mim mesmo
Vou em busca do meu eu
Pronome pessoal
Gênero nenhum*

Amor ao abismo

*A minha beleza é um escudo de prata
A minha água benta é pura cachaça
Me fortalece o que não me mata
Caçador vai virar caça”.*

⁷³ Cf. nota 69.

A letra provoca os limites de concepções preestabelecidas de identidade e corpo por meio de aspectos visuais e sonoros, que contrapõem os códigos binários ao fundo da tela com as imagens sobrepostas da natureza. As expectativas cis-hetero-normativas instrumentalizam os sujeitos em potências reprodutivas, como a bióloga Donna Haraway⁷⁴ analisa, relações mediadas por interesses. Através da frase “façamos parentes e não bebês”⁷⁵, a autora desmascara a invenção da “família tradicional” não como um sinônimo de afeto e cuidado, mas como um meio para produção de mão-de-obra capitalista, e , o que é diferente da organização das abelhas, por exemplo, que possuem um modo de vida coletivista e cooperativo. Haraway desconstrói ideias biologizantes de gêneros e sexualidade, e desmistifica o uso de tecnológicas da indústria farmacêutica e da medicina como formas “naturais” humanas.

No campo da educação há também uma necessidade de “ [...] transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado [...]” (hooks, 2018, p. 25), estimulando a diversidade a partir de abismos na sala de aula. Guacira Louro destaca que “[Foucault] ultrapassa amplamente o esquema binário de oposição entre dois tipos de discurso, acentuando que vivemos uma proliferação e uma dispersão de discursos, bem como uma dispersão de sexualidades.” (LOURO, 2004, p. 445)⁷⁶. Dessa forma, os *glitch* podem brotar surpreendentemente do asfalto⁷⁷, produzindo caminhos não-lineares e independentes que se interligam por meio da identificação.

⁷⁴ Donna Haraway é uma filósofa, pesquisadora estadunidense conhecida por suas contribuições em áreas de conhecimento diversas como feminismo, tecnociência, primatologia e estudos pós-coloniais.

⁷⁵ A frase “se deve fazer parentesco em vez de bebês” foi retirada da entrevista de Donna Haraway para a Folha de São Paulo em 22 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://speciesnae.files.wordpress.com/2021/08/panfleto-species-0-donna-haraway-com-marilene-felinto-cecilia-cavaleri-e-juliana-fausto.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁷⁶ No caso deste livro, que é um *e-book* sem paginação, “p.” refere-se à posição da citação no Kindle.

⁷⁷ A metáfora “brotar do asfalto” foi inspirada no poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond de Andrade.

CAPÍTULO 3:

IMPROVISANDO NOVOS MUNDO

“[...] o capitalismo produz o sucesso de algumas pessoas por meio do fracasso de outras [...]” (HALBERSTAM, 2020, p. 08).

3.1 Entrando na roda

As perspectivas do fracasso abordadas até agora, potencializadas através dos *glitch*, permitem a construção de novas realidades musicais. Neste capítulo procuro me debruçar sobre espaços de aprendizado que percorri durante o período de graduação, que abriram portas para formas diferenciadas de educação. O processo de aceitação do próprio fracasso foi um primeiro passo para localizar as engrenagens de um sistema meritocrático que favorece apenas uma pequena parcela da população, que precisa provar o merecimento para um pagamento de um trabalho já realizado.

A exclusão de determinados corpos que nunca poderão ascender socialmente dispara a necessidade de novos mundos transgressores que se movimentam desde a sala de aula até o mercado de trabalho. O estímulo a um espaço democrático de aprendizado procura amenizar as diferenças de oportunidades produzidas pelo sistema que hierarquiza as diferenças. Entretanto, como debatido ao longo do trabalho, não há um guia de como provocar essas frestas no ensino tradicional, pois os contextos são singulares e se transformam de acordo com a dinâmica dos estudantes.

As atividades de autoavaliação de turma procuram estimular, a partir de conflitos de desejos e interesses, a desconstrução e reconstrução de currículos que, muitas vezes, com raízes nas lógicas neoliberais, exercem a função apenas de fachada, como na ocasião citada anteriormente da roda de conversa, em que embora a professora propusesse espaços democráticos, mediava as interações de forma autoritária, mesmo que inconscientemente. As perspectivas queer debatem a importância da coerência entre a forma e o conteúdo, assinalando a necessidade de reflexões sobre uma prática que seja queer, e não apenas fale sobre o tema. Para entrar na roda é essencial emergir em um fazer educativo completo de

corpo e alma, abertos para ferramentas e espaços democráticos e inclusivos, que provocam questionamentos e mudanças por uma educação musical engajada.

3.1.1 O potencial das Redes: onde as ovelhas negras se encontram⁷⁸

O sistema em Rede propõe uma ideia de multi-relações independentes entre sujeitos, que produzem projetos paralelos que se encontram em determinados pontos, um dispositivo que permite uma infinidade de diversidades potencializadas por relações mútuas compartilhadas. Coletivos e grupos de discussão encontram nas Redes perspectivas democráticas de gestão, interessantes para movimentos que buscam desconstruir hierarquias.

Jo Freeman⁷⁹ aponta em *A Tirania das Organizações sem Estrutura*⁸⁰, uma tendência dos mecanismos neoliberais de se engendram em estruturas supostamente democráticas reproduzindo valores capitalistas. A autora descreve que “[...] a ‘ausência de estrutura’ torna-se uma forma de mascarar o poder [...]” (FREEMAN, 1970, p. 02), e assim critica as formas de operação do movimento feminista dos anos 70, que assumiram pautas elitistas e racistas. Em contrapartida, propõe sete princípios para a manutenção de um movimento político democrático, nos quais a rotatividade de papéis e o compartilhamento de conhecimento são essenciais para uma formação de base coletiva.

Curiosamente a primeira vez que li esse artigo foi em um grupo de estudos da Rede Sonora: músicas e feminismos⁸¹, no qual o debate provocou o esforço do grupo para evitar fórmulas fixas de funcionamento. Em determinados momentos é natural que membros de coletivos e Redes assumam mais funções que outres, assim, embora essa perspectiva seja bastante utópica, é necessário buscar desconstruir suas estruturas através de conversas coletivas frequentes. No caso da Rede Sonora a proposta de abarcar feminismos e músicas, em suas pluralidades possibilita o trânsito de diversas frentes de atuação, como: grupo de

⁷⁸ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi inspirado na música *Ovelha negra* de Rita Lee, compositora, intérprete, cantora e guitarrista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5BIUYtioIE>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁷⁹ Jo Freeman é uma cientista política americana, advogada e militante dos movimentos feministas; escreve sobre feminismos, direitos civis e liberdade de expressão.

⁸⁰ O artigo *A Tirania das Organizações sem Estrutura* de Jo Freeman está. Disponível em: <<https://quebrandomuros.files.wordpress.com/2010/06/a-tirania-das-organizac3a7c3b5es-sem-estrutura.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁸¹ A Rede Sonora: músicas e feminismos é um coletivo auto-organizado que debate questões de gênero dentro da música. Realiza encontros periódicos no Departamento de Música da USP, promovendo eventos com convidadas que compartilham suas trajetórias e pesquisas sobre o tema. Os encontros são divulgados através do site <<http://www.sonora.me>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

estudos, eventos, escutas⁸², visões⁸³, vozes⁸⁴, ações e podcasts, que incluem formas de fazer artísticas que dizem respeito a gêneros e feminismos.

Tanto nas séries “visões” como “vozes” convidadas musicistas compartilham suas pesquisas e trajetórias através de uma conversa, enquanto nos eventos “escutas” a troca acontece por meio de um recital intercalado com bate-papo. Outras formas de militância permeiam atividades diretamente de cunho político, como em “ações”: desenvolvem-se manifestações artísticas articulando as demandas dos membros. A Rede não é vinculada a nenhuma instituição, porém possui apoio do Núcleo de Sonologia da USP (NuSOM), que em parceria disponibiliza um espaço no Departamento de Música da USP para as reuniões, assim como equipamentos e orientações.

A invenção da Rede começou com uma chamada pública nas redes sociais para o levantamento de nomes de compositoras da música experimental. Com o grande número de comentários e indignações em relação à invisibilidade dessas mulheres, foi elaborada uma lista coletiva que provocou encontros de formação da Sonora. O grupo aborda a ausência de mulheres na história da música, seja na composição, regência, arranjos, ou na própria educação musical, a partir de lacunas que foram silenciadas. A Rede foi um espaço fundamental durante o período de graduação, em que questões estruturais do universo da música e da universidade puderam ser debatidos por meio do apoio coletivo e afetivo de trocas de experiências. A falta de espaços de escape para a invenção de novas perspectivas musicais afasta corpos dissidentes da universidade, que, frustrados com a área de Música, precisam de territórios seguros das críticas hostis do mundo acadêmico. Daí a importância de Redes como a Sonora, que promovem resistência para propiciar vivências não canônicas.

O Coletivo Feminista da ECA⁸⁵ realiza esse acolhimento por meio de reuniões organizadas por estudantes que debatem temas predefinidos pelo grupo, promovendo rodas de conversas, ações e eventos culturais independentes. Nesses espaços desconstruí perspectivas sobre educação e sociedade, mediando militâncias e aprendizados coletivos, em

⁸² Escuta é uma série da Rede Sonora em que musicistas convidadas apresentam performances relacionadas à temática de gênero, seguidas de conversas.

⁸³ Visões é uma série da Rede Sonora em que pesquisadoras apresentam trabalhos relacionados com feminismo(s) e música(s).

⁸⁴ Vozes é uma série da Rede Sonora em que artistas apresentam e falam sobre seus trabalhos artísticos e criativos a partir de uma perspectiva pessoal.

⁸⁵ O Coletivo Feminista da ECA é um grupo auto-organizado de estudantes da USP (mulheres cis e trans e pessoas não-binárias) que se encontraram periodicamente para fomentar debates, rodas de conversas e saraus sobre os temas de gêneros e feminismo.

contraponto a construções individuais escolares. Em ambas as organizações, Rede Sonora e Coletivo Feminista, deparei-me com ferramentas de outras áreas do conhecimento, como educação, política e diversidade, e também fui apresentada à autora bell hooks; tudo isso foi fundamental para que eu refletisse sobre práticas democráticas em sala de aula.

3.1.2 “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”

A importância da coletividade para a elaboração de processos de aprendizado democráticos foi essencial para minha formação como educadora musical. Durante os três semestres de estágios das disciplinas de graduação *Metodologias de Ensino de Música com Estágio Supervisionado*, fui às escolas junto a minha colega de trabalho, debatendo e refletindo em intervalos e almoços. Como o ditado africano diz “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”⁸⁶, e a partir da observação compartilhada pudemos desenvolver ferramentas para análise, por meio de um olhar externo, da realidade da sala de aula.

A necessidade de diferentes vivências e opiniões durante o percurso escolar fomenta o diálogo entre saberes; no entanto, muitas vezes as professorias assumem rotinas solitárias. A invenção de espaços para debates e relatos disparam a possibilidade do encontro de *glitch* ocultos nas entrelinhas do cotidiano, e por isso, até hoje, procuro manter com essa colega uma parceria informal de conversas sobre nossas vivências como professoras.

3.2 Propostas para transgredir o currículo de educação musical: Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer⁸⁷

3.2.1 Strange Fruit⁸⁸

Territórios plurais de ensino disparam importantes debates a partir de premissas diferentes; caminhos opostos de conhecimentos apresentam perspectivas ricas e dialógicas, como na música “*Let's call the whole thing off*” de George Gershwin, em que dilemas de um

⁸⁶ O trecho do subtítulo foi retirado de um ditado africano.

⁸⁷ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Pra não dizer que não falei das flores* de Geraldo Vandré. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

⁸⁸ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Strange Fruit* composta por Abel Meeropol e interpretada pela cantora e compositora Billie Holiday. A canção foi censurada na época por denunciar os linchamentos de pessoas negras nos EUA durante o período de segregação racial após a guerra civil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-DGY9HvChXk>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

relacionamento amoroso são expressos através da metáfora das variedades linguísticas do inglês. A canção propõe “deixar tudo de lado”⁸⁹ por conta das diferenças, entretanto destaca que essa escolha separaria o casal:

*[...] It looks as if we two will never be one
Something must be done
You say either and I say eyether
You say neether and I say nyther
Eether, eyether, neether, nyther
Let's call the whole thing off!
You like potato and I like potahto
You like tomato and I like tomahto
Potato, potahto, tomato, tomahto!
Let's call the whole thing off!
But oh! If we call the whole thing off
Then we must part
And oh! If we ever part
Then that might break my heart! [...]*

A música joga com dilemas de convivência semelhantes aos conflitos em sala de aula, abordando as dificuldades de compreender as peculiaridades dos repertórios de cada um, prejudicados com a imposição de um jeito “correto” de falar e escrever, determinado pelas instituições escolares. A predileção de conteúdos para o currículo produz hierarquias entre sujeitos de turma a partir de conhecimentos canonizados.

Durante minha experiência como professora de música reproduzi caminhos hegemônicos, em aulas individuais de instrumento, transmitindo em sua maioria conteúdos produzidos por homens-cis brancos e heterossexuais. O dispositivo colonialista, imbricado na forma de pensar, influenciou-me ao ponto de cometer deslizes usando pronomes masculinos ao me referir a compositoras. Mesmo assumindo uma postura de engajamento em relação às causas feministas dentro da Música, esses fantasmas surgem inconscientemente. Portanto, para evitar esses caminhos, sigo buscando referências musicais produzidas por corpos

⁸⁹ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Let's call the whole thing off* de Ira e George Gershwin interpretada por Louis Armstrong e Ella Fitzgerald. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J2oEmPP5dTM>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

dissidentes, fomentando pontos de vistas diferentes dos meus, como na recente procura pelo repertório das precursoras do Blues: Ma Rainey⁹⁰, Bessie Smith⁹¹ e Billie Holiday⁹².

O processo de racialização das mulheres negras negligenciou e escondeu seus legados revolucionários para história – a invisibilidade de suas contribuições como compositoras foi tão grande que a filósofa e militante Angela Davis⁹³ escreveu o livro *O legado do feminismo negro para o Blues: Gertruded “Ma” Rainey, Bessie Smith, e Billie Holiday*⁹⁴, resgatando, através de análises histórico-políticas, as relações entre racismo e poder dentro da música. O receio da potência de suas produções “embranqueceu” o Blues por meio da canonização de narrativas que esconderam as suas origens: os cantos de trabalho des escravizadas nas plantações de algodão. É um gênero musical que não só testemunha e denuncia a violência, como também permite a comunicação e a resistência contra aqueles que estão no poder. A música *Strange Fruit*, por exemplo, conhecida através da voz de Billie Holiday, denuncia os linchamentos das populações negras nos Estados Unidos, levando a compositora à prisão em 1947, após cantá-la em público mesmo com a proibição da censura.

O Blues traz potenciais revolucionários dissidentes, que impedem que a história seja contada por uma voz só. bell hooks dialoga com o gênero a partir de uma pedagogia engajada baseada em princípios feministas de interseccionalidade e multiculturalismo. Assim como na música, os processos educativos precisam ser mediados por vozes coletivas narrando suas próprias histórias.

3.2.2 Sound of silence⁹⁵: escutando o silêncio

⁹⁰ Ma Rainey foi uma compositora e cantora de Blues, precursora do gênero e conhecida como “mãe do blues”, embora pouco falada pela mídia. Em 2020 foi gravado um filme biográfico baseado em uma peça de teatro, *Ma Rainey's Black Bottom*, em português do Brasil, *A voz suprema do Blues*.

⁹¹ Bessie Smith foi uma compositora e cantora de Blues, uma de suas precursoras conhecida como “a imperatriz do blues”, entretanto invisibilizada pela história. Em 2015 foi gravado um filme biográfico dirigido por Dee Rees, cineasta negra e LGBTQIAP+, chamado *Bessie*.

⁹² Billie Holiday foi uma grande compositora e cantora de Blues conhecida como Lady Day. Inspirou-se em Ma Rainey e Bessie Smith. Em 2020 foi gravado um filme biográfico chamado *Billie Holiday vs Estados Unidos* que se propõe a contar a história das disputas de poder e racismo da época.

⁹³ Angela Davis é uma filósofa americana e professora, escreve sobre feminismo, ciências políticas, direitos civis e socialismo. Foi militante dos Panteras Negras e precursora da perspectiva interseccional a partir do recorte de raça, interpolando gênero e classe.

⁹⁴ O livro *O legado do Blues e o feminismo negro* de Angela Davis foi publicado em inglês em 1998, mas ainda não foi traduzido para o português.

⁹⁵ O trecho citado no subtítulo foi inspirado na música *Sound of silence* de Simon e Garfunkel. Interpretado pelo compositor, arranjador e guitarrista Pat Metheny, em seu álbum de mesmo nome,. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=1UXy19763fg> >. Acesso em: 23 nov. 2021.

Além da escuta de vozes misturadas, é importante atentar-se às singularidades de cada uma, evitando discursos genéricos de igualdade e suposta democracia racial. O tecido sonoro é tão fundamental como o silêncio, seja ele concreto, de um som que se ouviu, ou simbólico, formado por vozes silenciadas, que por algum motivo não podem ser escutadas com os ouvidos. A invenção de uma normatividade compulsória nas instituições escolares produz corpos rotulados como incapazes ou deficientes, incitando um caráter pejorativo e capacitista de sucesso, ao invés de admitir as falhas do sistema capitalista em abarcar todos. Para tanto, constrói-se uma narrativa romantizada de fachada, em que o simples fato de um sujeito estar presente na sala de aula, mesmo sem acompanhar os estudos da turma, já seria o suficiente.

A teoria Crip, protagonizada por pessoas com deficiência, desloca as perspectivas binárias de capacidade e “incapacidade”, dialogando com as teorias queer. No trabalho de conclusão de curso de Fábio Ferreira *Projeto Sabiá Laranjeira: construindo práticas de acessibilidade dos concertos para estudantes surdos*⁹⁶, são abordadas reflexões e propostas de fazeres musicais através da vibração pelo tato, assim como de metrônimos visuais, que indicam, com luzes de cores diferentes, o tempo da música. Os raros espaços para trabalhar temas como esses – não canônicos – na escola só aparecem a partir de demandas obrigatórias – por exemplo, a presença de um estudante surdo na turma –, enquanto na maioria das salas sem essas demandas realidades fictícias de um mundo com pessoas e corpos iguais são transcritos nos imaginários dos estudantes.

Durante um projeto de extensão universitária, vivenciei uma situação semelhante ao ministrar oficinas de música, em que uma criança de sete anos, estigmatizada por um comportamento agitado, foi diagnosticada com uma degeneração no ouvido. A perda auditiva deixava o estudante bastante incomodado durante as aulas, traduzindo-se em uma ansiedade cotidiana que foi patologizada como um distúrbio de comportamento. Assim é fundamental que as diferenças sejam trabalhadas em sala, estimulando práticas musicais que desloquem a escuta tradicional e normativa.

⁹⁶ Trabalho de conclusão de curso *Projeto Sabiá-Laranjeira: construindo práticas de acessibilidade dos concertos para os estudantes surdos* de Fábio Ferreira do curso de Licenciatura em Música na Universidade de São Paulo ECA-USP.

3.3 Let it Go⁹⁷: contribuições dos Projetos de Extensão Universitária

No período de graduação vivenciei diversos projetos de extensão universitária, nos quais conheci propostas musicais diferenciadas, que estimularam espaços democráticos de educação. O currículo da faculdade de Licenciatura em Música da Universidade de São Paulo apresenta apenas três disciplinas práticas de estágio, ao passo que todas as outras são teóricas ou vinculadas à prática interna de coral. A ausência de espaços para colocar a “mão na massa” não só não prepara, como desprepara para o cotidiano escolar após a formatura – assim, os projetos de extensão procuram complementar a formação através da pesquisa em campo.

3.3.1 Narrativas sonoras de vida: How many roads must a man walk down⁹⁸

O primeiro projeto de extensão universitária de que participei, “Narrativas Sonoras de vida”⁹⁹, vinculado à bolsa PUB¹⁰⁰ da USP, foi realizado em uma instituição metodista localizada no Jardim São Remo. Orientados pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Salles, formamos uma equipe mista de bolsistas de música, história e psicologia, e elaboramos um processo de criação de canções a partir de retratos do cotidiano dos estudantes. Através de um processo de provocações para invenção de narrativas que mesclam realidade e ficção, o tema foi aos poucos deslocando-se para o território São Remo. As atividades ocorreram com duas turmas de crianças de sete a oito anos, moradoras da região, abarcando personagens escolhidos por elus com temáticas do bairro.

A partir da criação sonora inicialmente de duas ruas, nomeadas de “Rua Legal” e “Rua Maluca”, o espaço de ação se expandiu para toda a região, onde personagens

⁹⁷ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música principal do filme *Frozen* da Disney Pixar, chamada *Let it go*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L0MK7qz13bU>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021. Seu lançamento trouxe uma série de debates e cancelamentos por parte de fãs reacionários, alegando a autonomia da personagem como uma ameaça queer aos valores da “família tradicional brasileira”.

⁹⁸ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Blowin' in the Wind* de Bob Dylan,. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MMFj8uDubsE>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁹⁹ O projeto “Narrativas Sonoras de Vida”, de extensão universitária da USP, foi desenvolvido unificando estudantes de psicologia, história e música. Através de um processo de invenção de histórias e canções, as crianças compuseram músicas contando seus cotidianos no Jardim São Remo.

¹⁰⁰ Projetos de extensão universitária atrelados ao programa unificado de bolsas da Universidade de São Paulo.

LGBTQIAP+, jogadores de futebol, bailarinas, figuras folclóricas¹⁰¹ e gatos preencheram a criatividade das crianças. As turmas foram separadas em pequenos grupos mediados por bolsistas que orientavam escolhas feitas por elas. Entre caminhadas e gravações, conflitos sociais e familiares, surgiram dentro das narrativas situações como a crítica ao gênero musical Funk e o incômodo com a presença de um personagem LGBTQIAP+, desenhado por uma estudante para representar o jogador de futebol Cristiano Ronaldo¹⁰², ídolo da turma.

As canções foram gravadas no estúdio do Departamento de Música da USP (LAMI¹⁰³) com verba do Edital Santander¹⁰⁴, produzindo um CD. Sua elaboração envolveu outros universitários para a escrita do arranjo, gravação dos instrumentos, coordenação dos ensaios e direção artística e musical. O protagonismo dos estudantes contarem suas próprias histórias, possibilitou uma prática engajada, e um conhecimento maior entre educadores e educandos, deixando transparecer conflitos da turma e relações com território.

3.3.2 Dançando com os sons

O projeto de extensão universitária “Residência Pedagógica - Subprojeto Artes”¹⁰⁵, com vínculo CAPES¹⁰⁶, ocorreu em uma EMEF da região do Canindé, e nele elaborei, junto a um colega, propostas de explorações sonoras, orientadas pela Prof.^a Dr.^a Sumaya Mattar, docente do Departamento de Artes Visuais da ECA-USP. Os dois primeiros módulos e meio do projeto, de setembro de 2020 até novembro de 2021, se deram de forma remota devido à pandemia do coronavírus. Os desafios para o acesso ao meio virtual, por parte dos estudantes, foi bastante grande pela falta de uma conexão de *internet* adequada, assim como de aparelhos para a realização de tarefas. Além dos desafios de comunicação, o isolamento levou muitas famílias da comunidade escolar a situações graves de insegurança alimentar, moradia, e

¹⁰¹ O termo folclore refere-se a um apanhado de personagens da cultura brasileira selecionados pelas crianças como: cuca, curupira, iara, saci, águas claras, caipora e boitatá. Salientando que o uso do termo de maneira genérica apresenta um teor problemático, visto que muito representa entidades importantes.

¹⁰² O jogador de futebol Cristiano Ronaldo foi selecionado como personagem para a criação de narrativas pelas crianças. Entretanto o atleta na época respondia por um estupro negado por seus fãs. Vale ressaltar, também, que ele não se identifica publicamente com nenhuma identidade da sigla LGBTQIAP+, e retratá-lo dessa forma foi escolha fictícia da aluna – talvez por isso tenha gerado tanto incômodo.

¹⁰³ Laboratório de Acústica Musical e informática.

¹⁰⁴ O Edital Santander 2018 disponibilizou verba para a gravação e produção de um CD com as composições das crianças do projeto Narrativas Sonoras de Vida.

¹⁰⁵ O projeto “Residência Pedagógica - subprojeto Artes” com vínculo CAPES é formado por uma rede de bolsistas inter-universitários que trabalham questões do ensino das artes a partir da vivência em escolas públicas, somando as diferentes linguagens e departamentos.

¹⁰⁶ A sigla CAPES corresponde a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

violência, por conta do desamparo do Estado. Apesar disso, a escola manteve suas portas abertas, e um contato rigoroso com as famílias, promovendo cartões de alimentação, entre outras medidas de auxílio.

Foi nesse cenário que as vídeo-propostas¹⁰⁷ musicais foram enviadas em formato assíncrono, através da plataforma Google Sala de Aula, mediada pela professora preceptora do projeto de Artes. A primeira atividade propunha a exploração de três objetos¹⁰⁸ sonoros, presentes nas residências dos alunos, reinventando suas funções tradicionais. Dezoito vídeo-respostas foram realizadas por educandos, experimentando timbres, texturas e maneiras de tocar; o engajamento para execução da tarefa, mesmo com inúmeros conflitos pessoais, demonstrou um interesse pelo projeto, estimulando a continuidade das propostas. A segunda atividade¹⁰⁹ sugeriu que utilizassem os mesmos objetos para acompanhar outras músicas – desta vez, o foco recaiu sobre o Rap e o Funk. Eles também poderiam fazer experimentações com sons de celulares e usar o set de sons¹¹⁰, aberturas de séries de TV¹¹¹, toques de bacias, chocalhos de álcool gel e reco-reco de zíper de estojo.

As respostas dos estudantes foram tão criativas que decidimos conduzir uma síntese do material explorado, compondo uma música a partir de objetos sonoros escolhidos pelos alunos, somados a uma melodia de guitarra acompanhada por um violão. O resultado foi uma composição coletiva a distância chamada “dançando com os sons”¹¹², em que o universo da improvisação de suas casas apontou itens simbólicos de suas narrativas, possibilitando uma comunicação artística coletiva através de um musicar em espaços e tempos diferentes.

¹⁰⁷ As vídeo-propostas foram os formatos escolhidos para estimular estudantes a uma maneira lúdica.

¹⁰⁸ Primeiro vídeo-proposta. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1meqTs3_LmsMsmEzERHoxm-9PkuKYRvAJ/view?usp=sharing>. Acesso em: 24 nov. 2021.

¹⁰⁹ Segundo vídeo-proposta. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/15ngrMuOBPIOI-t_6Fnb_z2AC0zzzMEGf/view?usp=sharing>. Acesso em: 24 nov. 2021.

¹¹⁰ “Set de sons” foi a organização de um repertório de sons e objetos colocados lado a lado como um instrumento só.

¹¹¹ Em uma das vídeo-respostas um estudante tocou uma bacia acompanhando o trecho de abertura do *anime* Naruto.

¹¹² Link do resultado das vídeo-propostas “dançando com os sons”. Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1mIY4XOuVFljxWOSyJXnY7t89bZCluEsq/view?usp=sharing>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

3.4 Espaços informais de aprendizado: Antonce se a gente já veve lutando. Antonce eu peço pra gente se arreuni¹¹³

Os espaços informais de aprendizado contribuem para produzir e ampliar frestas no ensino tradicional de música, através do incentivo à troca de saberes mediados pelo cotidiano. As vivências fora da sala de aula são fundamentais para a formação do estudante, pois permite um engajamento em projetos coletivos e extracurriculares, que colaboram para o desenvolvimento da autonomia. Segundo o filósofo e professor Tomaz Tadeu da Silva¹¹⁴ (2011, p. 185):

A Teoria Crítica do Currículo tem contribuído para aumentar nossa compreensão sobre as íntimas e estreitas relações entre conhecimento, poder e identidade social e, portanto, sobre as múltiplas formas pelas quais o currículo está centralmente envolvido na produção do social.

Isso mostra que os currículos excluem outros saberes e contribuem para moldar sujeitos padrões.

Durante o período de graduação me envolvi com a organização de uma série de eventos culturais, saraus, debates e rodas de conversa, por meio do Coletivo Feminista da ECA e da Rede Sonora: músicas e feminismos. A preparação desses eventos estimulou a convivência com pessoas de áreas diversas, fomentando conexões e compartilhamentos de saberes interdisciplinares, por meio da música e da arte. Os saraus ocorreram no espaço estudantil chamado “prainha”¹¹⁵, envolvendo: performances, projeções, apresentações musicais, teatro, dança, poesia em um território de produção coletiva. As participações expandiram-se para estudantes da pós-graduação, membros da Rede Sonora, funcionárias e demais pessoas que desejassem atuar. O evento, com pauta feminista, procurou destacar o protagonismo das mulheres dentro das artes e da literatura. A recepção desses eventos foi positiva, ressaltando um desejo por mais encontros que promovessem trocas entre os diferentes tipos de artes.

¹¹³ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado da música *Arreuni* de Chico Maranhão, interpretada por Doroty Marques. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/doroty-marques/arreuni/>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

¹¹⁴ Tomaz Tadeu da Silva é um professor e filósofo que escreve sobre política, filosofia e educação. Conhecido por debater as questões da teoria do currículo, pós-modernismo e estudos culturais.

¹¹⁵ Prainha é um espaço aberto frequentado por estudantes, semelhante a uma praça, onde se encontra a sala do centro acadêmico da Escola de Comunicação e Artes.

As mesas de debates e rodas de conversa marcaram a agenda do coletivo, incentivando espaços de diálogos entre artistas e trocas de vivências afetivas em Rede. Um evento marcante dessa atmosfera foi o “Visões coletivas”¹¹⁶, organizado pela Rede Sonora, que visava promover um encontro de diferentes grupos artísticos feministas da ECA para compartilharem estratégias e desafios. A reunião, que durou três horas, ressaltou a importância dessas atividades para trocas e parcerias, e também para renovar as pautas de cada coletivo.

Os grupos de estudo que ocorreram na Sonora e no Coletivo Feminista se aprofundaram no âmbito da educação através de bell hooks e suas reflexões sobre práticas libertadoras na sala de aula. As vivências em espaços informais durante o período de graduação permitiram uma formação mais ampla, tangenciando educação, política e diversidade, pilares sobre os quais apoio minha prática educativa, pois os saberes do cotidiano acontecem para além dos muros, e são essenciais para percepções mais realistas de mundo e sociedade.

3.5 A educação musical como uma prática fracassada

No filme *Soul* (2020) da Disney Pixar, o protagonista Joe, um músico frustrado com sua profissão de professor, embarca em uma aventura para acompanhar uma jazzista renomada, e durante sua trajetória encontra a improvisação como um ato de liberdade, retratando um estado de transe do corpo entre o mundo físico e espiritual. Esse não-lugar em que o músico habita nos momentos de improviso mostra um abismo que lhe permite desconstruir seu destino como artista e ser humano. Outro elemento que provoca mudança no caminho de Joe é o diálogo com sua aluna frustrada com o estudo, pois a partir da conversa ele decide seguir seus desejos.

Em uma ocasião ministrando aula de guitarra particular em uma escola de música da região sul da cidade de São Paulo¹¹⁷, questionei a aluna sobre o significado de improvisação. A educanda respondeu que, para ela, era fazer “qualquer coisa quando não sabia o que fazer”. De início me incomodei com a maneira pejorativa com que falava sobre uma prática tão importante para mim, mas depois de alguns meses refletindo, percebi que eu reproduzia uma

¹¹⁶ O encontro “Visões Coletivas” organizado pela Rede Sonora está disponível no link <<https://www.youtube.com/watch?v=sCTbL5-s6YI>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

¹¹⁷ A escola já foi citada anteriormente no subtítulo “Vai ser Queer na vida!”

lógica capitalista que brindava valores pessoais como universais. Desconstruir e aceitar “fazer qualquer coisa” como uma ação válida e tão importante como “saber fazer”, foi uma tarefa difícil; porém, a imposição de minhas perspectivas à aluna beira o perigo de construir uma falsa ideia de neutralidade.

A anti-teoria queer, percorrida no capítulo anterior, abraça uma concepção contraditória e pulsante que habita os abismos, desestabilizando comportamentos específicos na formação de estudante de música. O potencial de uma prática contraditória é que ela não acaba em si mesma, sendo necessário que o educando desenvolva uma autonomia para filtrar e criticar informações produzindo novos conhecimentos. Para uma formação musical plural, práticas independentes são essenciais, como: *saraus*, *recitais*, *jams* e encontros informais que incentivam outras formas de tocar.

No decorrer deste capítulo abordei diversos caminhos que encontrei para desconstrução durante o período de graduação, salientando que cada pessoa possui espaços únicos para potencializar seu aprendizado. Nas palavras de Teresa de Lauretis, citadas no início do trabalho, “eu vou contar, aqui, a minha versão” (LAURETIS, 2015, p. 398), e portanto compartilhar vivências pessoais como forma de incentivo para que cada um encontre seu caminho para perder-se em si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O QUE IMPORTA É A JORNADA E NÃO O DESTINO FINAL ¹¹⁸

Durante este trabalho procurei articular óticas e caminhos diferenciados para construção de novas realidades para a educação musical, e mostrei a necessidade de práticas que transgridem as estruturas normativas do ensino tradicional, provocam inovações e criam ferramentas para lidar com processos autoritários na sala de aula. A partir de relatos como educadora e observadora em formação, faço coro à colocação de Guacira Louro de que “a insubordinação, o não-acomodamento, a recusa ao ajustamento são algumas das múltiplas formas que a resistência pode assumir” (LOURO, 2004 p. 1088)¹¹⁹, assinalando a importância de dinâmicas progressistas para o campo da educação. As pedagogias queer abordadas pela autora sugerem um deslocamento da heteronormatividade, questionando valores supremacistas de sexualidade, gênero e corpo, bem como perspectivas sexistas de trabalho.

O conceito do *glitch* estimula trajetórias que rompam com a ordem capitalista binária que alimenta as desigualdades, por meio de práticas alternativas que fogem da curva tradicional de aprendizado, desconstruindo aspectos da linguagem e dos modos de vida. As pedagogias do fracasso desviam-se da dicotomia sucesso e fracasso potencializando movimentos moldáveis, caracterizados por instabilidade e transformação. A concepção de fluidez de identidades dialoga com uma série de preceitos modernos, como as analogias do filósofo Zygmunt Bauman¹²⁰ sobre “identidades líquidas”, e algumas perspectivas feministas pós-modernas que se referem a “corpos feito de água”¹²¹ que transbordam seus limites a partir da pluralidade.

O impacto dessas percepções não é diferente na literatura. Clarice Lispector¹²², no livro *A paixão segundo G.H.*¹²³, explora reflexões existenciais sobre as formas de organizar o pensamento e o corpo, e através de devaneios sobre essa busca, revela-se uma preocupação

¹¹⁸ O trecho citado no subtítulo do capítulo foi retirado do filme *Soul* da Disney Pixar.

¹¹⁹ No caso deste livro, que é um *e-book* sem paginação, “p.” refere-se à posição da citação no Kindle.

¹²⁰ Zygmunt Bauman foi um filósofo e sociólogo polonês que escreveu sobre as relações na pós-modernidade.

¹²¹ A ideia de corpos de água foi debatida pela autora Astrida Neimanis em seu texto *Hydrofemimism. Or, on Becoming a Body of Water*.

¹²² Clarice Lispector foi uma escritora brasileira modernista de romances e contos, abordando recursos inovadores como o fluxo de consciência.

¹²³ O livro *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector foi publicado em 1964 pela editora Rocco.

da personagem em construir novos moldes necessários para a compreensão de si mesma. O debate sobre a expansão de um ser humano inter-artístico e multicultural, descreve a necessidade da arte e da literatura abordarem esses temas acompanhando sistemas não lineares.

É importante salientar que a pandemia do coronavírus prejudicou drasticamente as possibilidades de relações de aprendizado, produzindo ruídos de socialização. A fragmentação deste texto faz jus a um aprendizado interrompido por insegurança e instabilidade, combustível principal para o funcionamento capitalista do nosso país. Ressalto a importância de práticas pedagógicas engajadas inclusivas para todos, articulando a diversidade dentro do espaço escolar, para o enfrentamento do preconceito e do medo, promovendo uma educação coerente com a realidade. Sendo assim, espero que o trabalho tenha provocado deslocamentos e desconfortos, sintomas de que as pedagogias transgressoras estão produzindo efeito e despertando mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

BRITO, Teca de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

CAROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. 2a ed. São Paulo: Editora Sol - Grupo Objetivo, 2000. Tradução de Isabel de Lorenzo. Disponível em: <https://www.objetivo.br/arquivos/livros/alice_no_pais_das_maravilhas.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

DAVIS, Angela Y. *Blues legacies and Black Feminism: Gertruded “Ma” Rainey, Bessie Smith, and Billie Holyday*. New York: Pantheon Books, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 5a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Graal LTDA, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HALBERSTAM, Jack. *A Arte Queer do Fracasso*. Cópia livre por biblioteco, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação com prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Boston: South End Press, 1989. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MpN0ikR6-f4C&oi=fnd&pg=PA1&dq=bell+hooks+1989&ots=OQte14r4U6&sig=VZo90Kpu73RgVMYgLCSn2K8T_8I#v=onepage&q=bell%20hooks%201989&f=false>. Acesso em: 23 dez. 2021.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964.

LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. 3a ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

SCHAFFER, M. R. *Ouvindo Pensante*. 2a ed. São Paulo: UNESP, 2011.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014. Tradução de Noemi Jaffe.

Partes de livros (capítulos, artigos em coletâneas etc.)

DEWEY, John. Tendo uma experiência. In: DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Abril, 1974. p. 247-263. (Coleção Os Pensadores)

NEIMANIS, Astrida. Hydrofeminism: Or, On Becoming a Body of Water. In: GUNKEL, Henriette; NIGIANNI, Chrysanthi; SÖDERBÄCK, Fanny (ed.). *Undutiful Daughters: New Directions in Feminist Thought and Practice*. New York: Palgrave Macmillan, 2012. Cap. 6. p. 85-99.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. Cap. 9. p. 185-201. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

Artigos

ANZALDÚA, Gloria. Queer(izar) a escritora - loca, escritora y chicana. In: KEATING, AnaLouise (ed.). *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, 2009. p. 163-175. Tradução de tatiana nascimento.

_____, Gloria. Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 297-309, 2009. Tradução de Joana Plaza Pinto e Karla Cristina dos Santos.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro. n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016.

COSTA, Rogério Luiz Moraes. Ideias preliminares sobre as noções de controle e intencionalidade em ambientes complexos de performance. *Texto Digital: Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 114-125, jan./jun. 2018.

FREEMAN, Jo. *A Tirania das Organizações sem Estruturas*. 1970. Texto em português disponível em:

<<https://quebrandomuros.files.wordpress.com/2010/06/a-tirania-das-organizac3a7c3b5es-sem-estrutura.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Texto original disponível em:

<<https://www.jofreeman.com/joreen/tyranny.htm>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

PRECIADO, Paul B. *aprendendo do vírus*. 2020. Tradução de Ana Luiza Braga e Damian Kraus. Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/26>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

_____. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011. Tradução de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

LAURETIS, Teresa de. Teoria queer 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. *Revista Mora*, Buenos Aires, v. 21, n. 2, p. 107-118, 2015. Tradução de Pè Moreira.

SANTOS, Ana. Corpos transviados, corpos falhados: a arte queer do fracasso no desporto. *Revista Transversos*. “Dossiê: LGBTTQI. Histórias Memórias e Resistências”, Rio de Janeiro, n. 14, p. 150-164, set./dez. 2018. ISSN 2179-7528 DOI:10.12957/transversos.2018.38664 Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39335/27598>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

Teses e dissertações

MOLINA, Sérgio Augusto. *A composição de música popular cantada: a construção de sonoridades e a montagem dos álbuns no pós-década de 1960*. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Dicionários e Guias

CASSIANO, Ophelia. Guia para “Linguagem neutra” (pt-br) ELU: porque elus existem e você precisa saber!. porque elus existem e você precisa saber!. 2017-2021. Projeto Elu Mesme. Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b#:~:text=>>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

Filmes

DANTES, Anna; KRENAK, Ailton. *A Serpente e a Canoa*. Festival de arte indígena “Rec Tyty” Brasil. 16 minutos e 17 segundos. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>>. Acesso em: 22 out. 2021.

WOLFE, George C. *A Voz Suprema do Blues*. 2020.

REES, Dee. *Bessie*. EUA. 1h30. 2015.

DANIELS, Lee. *Billie Holiday vs Estados Unidos*. EUA. 2h10. 2021

WACHOWSKI, sisters. *Matrix*. EUA. 2h16. 1999.

DOCTER, Peter; KEMP, Powers. *Soul*. Disney Pixar. EUA. 1h40. 2020.

Poemas

ANDRADE. Carlos Drummond de. *A flor e a náusea*. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/10/A-FLOR-E-A-NAUSEA.pdf>>. Acesso em 02 jan. 2022.

_____. *Poema de sete faces*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm1.html#poemadesetefaces>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

PESSOA, Fernando. *Navegar é preciso*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/fpesso05.html>>. Acesso em: 31 dez. 2021.

Gravações

BASTOS, Ronaldo; NASCIMENTO, Milton. *O Cais*. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=dtZVQGa9eDw>>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. *Travessia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tBa2Z28oPRU>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

COELHO, Paulo; RAMO, Marcelo; SEIXAS, Raul S. *Carimbador Maluco*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ent-iYyT0u4>>, Acesso em: 23 nov. 2021.

DYLAN, Bob. Blowin' in the Wind. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MMFj8uDubsE>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FREJAT, Roberto; NETO, Agenor de M. A. (Cazuza). *Malandragem*. Interpretado pela compositora, cantora e intérprete Cássia Eller. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bFRBQjBuQmo>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

GARFUNKEL & SIMON. *Sound of Silence*. Interpretado pelo compositor, arranjador e guitarrista Pat Metheny, em seu álbum de mesmo nome. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1UXy19763fg>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

GERSHWIN, George e Ira. *Let's Call the Whole Thing Off*. Interpretada por Louis Armstrong e Ella Fitzgerald. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J2oEmPP5dTM>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

_____. *Summertime*. Interpretado por Ella Fitzgerald & Louis Armstrong. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lnXLVTi_m_M>. Acesso em: 23 nov. 2021.

GIL, Gilberto. *Drão*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LAsAYoZ0aKs>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

LEE, Rita. *Ovelha Negra*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5BIUYtioIE>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

LOPEZ, Kristen A.; LOPEZ, Robert. *Let it go*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L0MK7qz13bU>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

MACDERMOT, Malt; RADO, James; RAGNI, Gerome. *Ain't Got no. I got life*. Interpretada pela compositora e pianista Nina Simone. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L5jI9I03q8E>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

MARANHÃO, Chico. *Arreuni*. Interpretada por Doroty Marques. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/doroty-marques/arreuni/>>. Acesso em: 23 de dezembro de 2021.

MEEROPOL, Abel. *Strange Fruit*. Interpretada pela cantora e compositora Billie Holiday. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-DGY9HvChXk>>. Acesso em: 23 nov. 2021

MUMANTA, Banda. *Amor ao Abismo*. Gravada em 2020 e contemplada pelo edital Funarte Respirarte. Está. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wJsG9VRFA84>>. Acesso em: 21 out. 2021.

PARRA, Violeta. *Me Gustan Los Estudiantes*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2_k6A4MVCEI>. Acesso em: 24 nov. 2021.

ROBERTO, Hector; SOSA, Mercedes. *Piedra y Camino*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSIsPHw_VNI>. Acesso em: 24 nov. 2021.

VANDRÉ, Geraldo. *Pra Não dizer que não falei das flores*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KdvsXn8oVPY>>. Acesso em: 23 dez.2021.

VELOSO, Caetano. *Argonautas*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CwppKJjYReA>>. Acesso em: 23 nov. 2021

WATER, Roger. *Another Brick in the Wall*. Pink Floyd. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YR5ApYxkU-U>>. Acesso em: 24 nov. 2021.

Vídeos. TEDtalks e Entrevistas

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma história única*. TEDtalk Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 24 nov. 2021.

HARAWAY, Donna. *Entrevista para a Folha de São Paulo* no dia 21 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://speciesnae.files.wordpress.com/2021/08/panfleto-species-0-donna-haraway-com-marilene-felinto-cecilia-cavaleri-e-juliana-fausto.pdf>>. Acesso em 23 nov.2021.